

Doenças encontradas nos romeiros de Bom Jesus da Lapa, Bahia

Relatório apresentado pelo

Dr. F. Nery Guimarães

Em julho passado fomos designado pelo Dr. H. Aragão, diretor do I. O. C. para ir a Bom Jesus da Lapa, na Bahia, onde se realiza uma das mais típicas e tradicionais festas fanático-religiosas do Brasil. A finalidade era obter dados sobre a incidência de endemias rurais entre os romeiros, que acorrem do Nordeste e Centro do País, em número calculado em 50 mil cada ano, abrangendo pessoas de diferentes níveis sociais. Como passaríamos apenas 4 dias no local, preparamos um pequeno laboratório de campanha e, levando conosco o fotógrafo J. Fontes do Instituto, partimos com passagens de ida e volta postas à disposição de Manguinhos pela Divisão de Organização Sanitária do D.N.S., em avião da Navegação Aérea Brasileira às 7 horas do dia 31-7-46. Escalando em Lagôa Santa, chegamos a Lapa às 12 horas. Longo trecho da rota, passa ao lado direito do rio São Francisco. De um lado e de outro do rio e seus afluentes, é vista luxuriante vegetação que contrasta com o cinzento monótono da caatinga, cortada por longas estradas retas, vistas do alto como fios estirados na planície. Quando o avião se aproxima da cidade, logo o que se destaca é o mórro que lhe deu o nome.

Viajara no mesmo avião e com o mesmo destino o Dr. Bruno Lôbo, que ia fazer estudos sobre bacteriologia do tracoma. Outros médicos já encontramos na cidade vindos do Rio e de outros Estados : Dr. Lessa de Andrade, diretor dos Serviços Sanitários do Interior do Estado de Pernambuco e seu auxiliar Dr. Orlando, os quais se propunham a fazer um inquérito sanitário geral entre os romeiros ; Dr. Romanguêra, clínico oftalmologista de Recife e Dr. Hermínio Conde, oftalmologista da Divisão de Organização Sanitária do D.N.S., os quais iam levantar o censo de tracomatosos.

Logo de início, tivemos grandes facilidades para o nosso trabalho. Com efeito, o Dr. Dermeval Guimarães, chefe do Pôsto de Higiene de Lapa, puzera o mesmo à disposição dos médicos recém-chegados; o bispo D. Muniz mandara 3 irmãs de caridade para auxiliarem na farmácia, as quais levaram

3 moças da sociedade local, que prestaram ótimo serviço guindo os doentes nas filas. O Dr. Lessa Andrade, com sua larga experiência em inquéritos sanitários rurais, adaptara umas fichas que encontrara no Pôsto de Higiene às necessidades imediatas do serviço que ia realizar, no que foi grandemente auxiliado não só pelo chefe do Pôsto, mas também pelos clínicos de Lapa Drs. Bráulio Barral Barral e Josefino Moreira de Castro.

Instalamos o nosso laboratório no quintal do Pôsto, e comunicamos ao Dr. Lessa e demais colegas, as moléstias que especialmente mais nos interessavam: malária, leishmaniose, blastomicose, boubá, sífilis, filariose, bócio, úlceras e disenterias. Dêste modo, uma vez fichados, os doentes suspeitos de enquadrados nessa lista nos eram enviados.

Tanto aos médicos de Lapa, como aos que lá se encontravam, queremos deixar consignados nossos agradecimentos pelo auxílio que nos prestaram e externar nossa admiração pelo magnífico serviço que realizaram em tão pouco tempo. Com efeito, nos 4 dias de inquérito, foram examinados cêrca de mil indivíduos. Uma cópia de tôdas as fichas, (905) nos foi enviada pelo Dr. Lessa de Andrade. Irrefutavelmente, constituem um valioso repositório de dados para o levantamento futuro da nosografia do Nordeste.

Antes de relatar as observações médicas realizadas, queremos dar algumas impressões sôbre os aspectos sociais da «festa» do Bom Jesus da Lapa, à qual a cidade tudo deve, existência e progresso.

Lapa deve seu nome à gruta do Bom Jesus, assim chamada porque a ela veio ter nos fins do século XVII, um fervoroso místico, sobraçando um crucifixo. Suas casas ficam encolhidas à sombra do môro, e muitas delas são molhadas pelas águas do S. Francisco na época das cheias. São pouco mais de mil. Tôdas de construção semelhante às das velhas cidades do interior brasileiro, tendo algumas 2 pavimentos. Normalmente, quase metade delas é desabitada, mas quando chega a festa, tôdas são transformadas em habitações coletivas. Mesmo famílias importantes albergam romeiros; parentes ou conhecidos vindos de longe. É mesmo uma tradição. Porém, a grande legião dos romeiros, milhares dêles, acampam em qualquer canto. A festa dura 8 dias e desde as vésperas começam a chegar os peregrinos. Apesar da maior parte voltar logo depois de «cumprida a promessa», a população de Lapa que é de menos de 3 mil habitantes, aumenta 6 a 8 vezes. Centenas de barracas de palha são construídas cada ano na «vasante», do S. Francisco. Duram a época da festa e custam 100 cruzeiros de aluguel. Tôdas ficam acupadas. Mas, isto não basta. Os que chegaram primeiro já ocuparam as grutas do môro, de modo que quem veio depois ou não tem 100 cruzeiros,

fica embaixo das árvores centenárias da beira do rio. Aqui como ali, vê-se o ambiente doméstico das classes miseráveis das zonas rurais: esteiras, cabaços, panelas de barro, carne ou peixe secos dependurados, crianças nús com conjuntivite e verminose, velhos lençóis de retalhos, da cor da poeira, às vezes cobrindo um corpo com a «tremedeira» da malária.

Como chega até aqui toda essa gente? Não nos referimos aos raros curiosos que vêm de automóvel ou de avião, mas à legião dos romeiros que à noite enche a praça e transborda pelas ruas para ouvir a palavra do Bispo. Chegam pelo S. Francisco. De canôa, os de perto. De navio, os de longe. Geralmente vêm no "3ª" ou na "Sta. Luzia", o reboque que o "S. Salvador" arrasta pelo grande rio, de Pirapora a Joazeiro. De mistura com a lenha, suas rês se cruzam em todas as direções. Chegam de caminhão, amontoados, comprimidos, como se estivessem no Rio, voltando do trabalho para os subúrbios. Chegam à cavalo — essa grande conquista do homem — no passo preguiçoso das longas viagens. Em carro de boi, morosamente arrastados e embalados pela música monótona das pesadas rodas, rangendo. Porém, a maior parte deles chega à pé. Centenas de Klmts. são percorridos, muitas horas sob um sol inclemente e sempre no meio de uma poeira que tudo domina, que suas alpercatas ajudam a levantar e que o vento atira nos seus pulmões e nos seus olhos. Chegam com a pele tostada e as conjuntivas vermelhas. Alguns já vêm com a «sapiiranga», ou o tracoma já os vai conduzindo à cegueira. Muitos trazem chapéus de carnaúba, cobertos de pano e ornamentado de flores coloridas. São pessoas de todas as idades. Nas cidades, estas crianças ainda estariam no colo das mães e estes velhos há muito estariam gozando de tranquila aposentadoria compulsória. Quantos anos teria aquele preto de cabeça branca? Difícil precisar. Mas pelo que informava estaria perto dos cem. E, como os outros de sua idade, viera à pé de muito longe, em cansativa viagem de mais de 2 meses. Garanhuns, o município pernambucano do Dr. Romanguêra, estava tão afastado de Lapa (mais de mil Klmts. em linha réta) que, quando outro velho de barbas longas, disse que viera caminhando de lá, o ilustre oftalmologista duvidou. Mas, logo ficou convencido pela detalhada descrição do itinerário. Não havia dúvida: aquele homem, viajara à pé quase 3 meses para cumprir uma promessa. E como êle, sózinhos ou em grupos, vêm peregrinos desde o Piauí até Minas Gerais e S. Paulo.

A primeira coisa que o romeiro faz ao chegar à Lapa, é ir diretamente ao santuário de Bom Jesus. Também aqui, muitos peregrinos sobem os degraus e percorrem o templo de joelhos. Muitos estão de mortalha e são chamados «bentinhos». É uma promessa comum: estavam à morte e o Santo

lhes deu a saúde. Interminável fila se forma diante do Seu altar, na base do qual está um grande cofre onde os romeiros depositam seus óbulos, após renderem graças. Êste cofre é aberto pelo lado da sacristia, que fica nos fundos do templo. Comenta-se que atingem cada ano a dezenas de milhares de cruzeiros essas contribuições. Como o santuário é fechado 2 vêzes por dia, dizem que é para esvasiar o cofre. Mas, não padece dúvida que há exagero em tudo isso. Todavia, vimos donativos relativamente elevados, considerando o doador. Andando entre os romeiros, conversamos demoradamente com um homem, que nos contou tôda a longa viagem que fizera, desde Pernambuco, atravessando por fim os sertões baianos. Ao despedir-se pediu-nos um «dinheirinho». Alguem que nos acompanhava, gracejando verberou-lhe o procedimento de pedir dinheiro, sem necessidade. Então o homem um tanto confuso, confirmou que de fato trazia dinheiro, mas que o mesmo era do Santo. E mostrou o saco onde o conduzia. Sua família e seus vizinhos conseguiram juntar 160 cruzeiros, dos quais fôra encarregado da entrega. O dinheiro dêle, para viagem, acabara no caminho. Fazia bem um mês que estava vivendo de esmolas, que pedia por onde passava. Foi-lhe dado algum dinheiro e, como houvesse desconfiança de que o conteúdo do saco não seria entregue ao Santo, quando êle se afastou foi seguido sem o saber. Diante do Bom Jesus, entretanto, sem vacilações, todo o conteúdo do saquinho (moedas e cédulas) foi depositado religiosamente no cofre, por aquêle homem que passara privações, fome mesmo, e a quem jamais ocorreria a lembrança de ao menos emprestar ao Santo o dinheiro para comprar um pedaço de pão. Quanta honestidade e fanatismo.

O môro da Lapa é um grande bloco de calcáreos, onde a erosão esculpiu bizarras esculturas. Nêle se espalha escassa vegetação salpicada de cardos e bromelias. Nas anfractuosidades de granito, fazem os urubús os seus ninhos, de onde saem para as cirandas e as disputas das caruiças da beira do rio. Pequenas cratêras abrem-se no cume, e por elas a luz invade impetuosamente, indo iluminar recantos de grutas, hoje novamente habitadas, como talvez há milênios. Do alto do môro, assiste-se o desdobrar sem fim das áridas planícies, esperando que as reprêsas do S. Francisco venham fertilizá-las.

O templo do Bom Jesus está construído em uma das grutas do môro, precisamente naquela que fica no extremo sul. Em uma das aberturas construíram-se as portas de «entrada» e «saída» e na outra, que fica há muitos metros do chão e sôbre o rio, uma «terrasse» por onde entra um clarão que se espalha por todos os cantos. Dentro obturaram-se fendas, escoraram-se blocos de granito, nivelou-se o piso, poliram-se algumas «esta-

lagmites», preservaram-se outras tantas «estalactites» e ergueram-se os altares. A capela está cheia de curiosidades e atrações. Envoltos em lenda, contam fatos de sua história. Logo à esquerda de quem entra está o «covil do ladrão»: longa, estreita e sinuosa galeria, onde há muitos anos se escondia terrível salteador. A «cova do monge», onde uma lápide (cuja inscrição dificilmente é lida, tão grande é o número de moedas atiradas pelos romeiros) ensina que ali morava, morreu e repousa Francisco Soledade, fundador da devoção ao Bom Jesus da Lapa. Conta-se que tinha por única companhia uma onça que domesticara e que, por sua vez, ocupava outro cubículo que é a «cova da onça». Mais adiante, está também a «cova da serpente». Pelo interesse e respeito que despertam nos romeiros as furnas do felino e da víbora, parece que também elas são divindades e que, como o monge, ainda lá se encontram para todo o sempre. A «sala dos milagres» é igual a tôdas as outras das «festas» dêsse tipo: Aparecida, Penha, Círio de Nazaré, etc. Nela estão as «promessas»: membros de cêra e madeira, mortalhas, camas, mulêtas, caixões de defunto, fotografias de moribundos e paralíticos, tranças doiradas e carapinhas. E as coisas mais inacreditáveis, como a coincidência assombrosa de uma bala cravada em outra bala: um crente invocara o Bom Jesus no momento em que era alvejado por um adversário e a bala fôra cravar-se em outra que estava na cartucheira. O Santo o livrara de várias perfurações intestinais. Outra atração é a «gôta do milagre». Lentamente transúda da rocha aquela gôta d'água da chuva e com ela os romeiros fazem o sinal da Cruz. Nos grandes temporais, com chuvas fortes, cãe água de todos os lados na gruta, impedindo mesmo os ofícios religiosos, mas apesar de quase todos saberem disso, aquela gôta não perde a sua fama de milagrosa. Interessante é o «sino de pedra». Trata-se de um fonólito grande, retangular, que emite sons melodiosos quando percutido por uma pedrinha manejada pelo sacristão, que já está suficientemente treinado. Para as futuras «festas», o bispo está mandando construir junto à capela de N. S. do Carmo a «torre dos sinos» que deveria ter a altura do môro, porém no segundo lance as obras foram suspensas por se ter aberto uma fenda na rocha onde repousa.

Depois de «beijar o Santo», vai então o romeiro procurar uma pousada. A maior parte só fica um dia. Prepara-se logo para a viagem de volta. Mas os que ficam, vão dar a animação festiva à Lapa, que é durante todo o ano uma cidade silenciosa e triste. Vão movimentar o comércio que se enche de quinquilherias, de roupas feitas, de jóias falsas, de «santos» de madeira, de tamancos, de sapatos de couro, de rêdes, de tudo. Aliás, um «espírito comercial» domina a todos. É grande o número de mercadores.

Uns armam suas barracas na praça, outros perambulam com maletas e pacotes. Alguns trazem o seu mercado escondido : são os vendedores de diamantes, pedras semi-preciosas e cristais de rocha; ametistas, esmeraldas, topázios. Geralmente são intermediários que as adquirem de sertanejos que as trouxeram do «centro». As rendeiras também aparecem trazendo o seu trabalho do ano todo : crivos, labirintos, filés, bicos e entremeios de bilro, etc.

Como já se viu, muitas casas são transformadas em hotéis. A gente mais pobre vende refrescos e doces nas portas ou manda para a rua os moleques com os taboleiros. E há compradores para tudo.

O S. Francisco regula a vida da cidade, como de todo o nordeste ao longo do seu curso. Com as águas baixas, formam-se ilhotas que são aproveitadas para plantações, enquanto nas lagoinhas e paranás a pesca é abundante. Um desses paranás da margem direita, desemboca junto ao "porto" de Lapa e dêle faz parte, pois abriga dezenas de canôas, tipo "montaria" da Amazônia. Em seguida, já no S. Francisco, estão os barcos de maior porte, os quais apresentam as tradicionais carrancas, representando as lendas da "minhocão", do "cachorro d'agua" etc. Mais adiante, atraca o navio, que é a grande atração dos romeiros, agora só comparável com a chegada do avião. Notável é a promiscuidade da beira do Rio. Lá estão mulheres lavando roupa e outras atirando dejétos na águas, e logo adiante aguadeiros enchem os barris que vão para a cidade do costado dos burros. Dali mesmo, com a água, vai o tifo, a amebiase, as verminoses. Crianças núas, aguardam as mães, chorando ou quiétas, sentadas no chão, com o nariz escorrendo e os olhos remelentos disputados pelos "lambe-olho". Mocinhas de 15 anos passam sujas, de vestido curto, com um irmãozinho esgachado no quadril, prendendo o olhar malicioso dos marinheiros espertos que conhecem as cidades. Megéras de cócoras, cachimbando, esperam que o peixe sêco cozinhe na panela de barro, fervendo no fogão de pedras. Barracas de feira exibem de tudo: abóboras, melões, laranjas, gamelas e os mais variados utensílios produzidos pela cerâmica nativa. Borborinho de vozes enche o ar, cortado vez em vez por um palavrão ou pelo ganido de um cão vadio pilhado furtando o peixe sêco, cujo cheiro impregna tudo. Homens estripando peixes, atiras as vísceras na praia ou na água, e logo os urubús que os espreitam disputam a prêsa, levando-a no bico em vôo baixo para longe.

Os mendigos merecem destaque especial porque têm a sua «rua». A prefeitura localizou-os em uma viéla que vai sair na esplanada junto à igreja de N. S. do Carmo. Aí estão êles, separados por sexo, de um lado e de outro, amontoados, em uma miscelânea de mulêtas, bornais, sandálias, cajados, chapéus de couro, farrapos, sacos, cabaços e latas velhas. Na «rua

dos mendigos” tropicalistas e teratólogos teriam “belos casos” para magníficas lições. Aí é que vimos leishmanioses e acondroplasias, elefantíases e hidrocefalias, pés musgosos e acromegalias, boubas e microcefalias. E sobretudo, chama a atenção a grande variedade de úlceras, sujas de terra, des-sorrando, francamente expostas. Entre elas passam os romeiros em grupos. A maior parte com a curiosidade dos visitantes de museu, porém uma pequena minoria para dar esmolas. E é o bastante. O «ponto» é muito lucrativo. O ardor da fé exalta a caridade do romeiro. No meio de toda aquela gente, estão os “caçadores de moedas antigas” que as vão vender nas cidades aos colecionadores. Estão sempre de olho vivo em cima dos chapéus e pratos onde caem os níqueis. Se aparece alguma moeda interessante, logo facilitam trôcos ou fazem pequenas propostas. No ar, pairam as moscas, a poeira, o cheiro dos mendigos e a cantilena melancólica e mortificante das dezenas de vózes absurdas implorando a piedade dos passantes. Às vezes, ouve-se um forte bate-bôca : um cego sentiu-se burlado por um paraiítico e ambos entram a discutir. Em geral, os «guias» entram na liça defendendo «seu cego» e usando a mesma linguagem baixa, cultivada pela miséria. São crianças de ambos os sexos, companheiras dos mendigos que tudo ouvem e de tudo partilham. Nos extremos, um pouco afastados, estão os «mendigos de classe» geralmente cantadores, dedilhando um violão e «glosando» um bendito em louvor ao Bom Jesus ou improvisando à passagem do esmoler potencial.

À noite, todos estão reunidos na praça, de onde a multidão transborda pelas ruas. Agora há luz elétrica e um microfone derrama a palavra do bispo sobre os romeiros que o ouvem contritos. São homens e mulheres de todas as idades, com grossos rosários enrolados nas mãos. Sexagenários de barbas longas, imóveis, de olhar parado na figura do bispo — “Conselheiros” potenciais vindos de dezenas de “Canúdos” do nordeste. Velhas de chale negro, as faces esqueléticas, os olhos enterrados nas órbitas, ardendo de fanatismo e de fé. Raparigas sardentas, de fortes panturrilhas, enrijecidas nas longas caminhadas pelas caatingas. Rapazes queimados de sol, de olhos azuis que o mormaço enrugou precocemente e mantém semi-cerrados, olhando sempre distante. Crianças dormindo no colo ou no chão, enquanto os pais rezam. No meio dessa grande massa de crentes, aqui e ali, romeiros abatidos são olhados de soslaio pelas romeiras-rameiras, de côres berrantes no rosto e no vestido, enquanto as jóias de suas mulheres e sua carteira são visadas pelos romeiros-ladrões. As pessoas de côr, em número reduzido, têm a mesma expressão de êxtase que se vê nas macumbas e candoblés. Na apresentação do Santíssimo, toda aquela massa humana se atira de joelhos no chão e quase beija a terra. Sente-se que uma fé primitiva, impetuosa, vio-

lenta, domina a multidão. Naquele momento, acompanharia o bispo a qualquer parte, para qualquer tarefa.

Terminada a cerimônia, os foguetes rompem o espaço. Aliás, espoucam durante todo o dia e, antigamente, também a noite inteira, mas isto foi proibido para sossêgo dos habitantes. Os moleques mantêm fogueiras acêsas, onde os romeiros queimam os fôgos e depois lhes dão u'a moeda.

Até tarde da noite a animação festiva continua no arraial, em uma ou outra barraca de palha da beira do rio, onde violões e cavaquinhos se degladiam acompanhando um «calango» e no «Salão Grenat», onde as moças bonitas que o «S. Salvador» trouxe de Pirapora vão dançar com o pessoal de bordo e com os romeiros endinheirados.

O bispo é um sacerdote esclarecido e um grande patriota. D. João Muniz, C. SS. R., Bispo da Barra, consegue ser eloquente e persuasivo nas prédicas, mesmo usando linguagem simples, acessível aos sertanejos incultos. Conhecendo a vida de penitência que leva o homem do sertão, quase sem pecados, não descarta o seu conforto espiritual, mas acima de tudo, desdobra-se em proporcionar-lhe auxílios materiais. Preocupa-se principalmente com suas moléstias. O alastrim (que também êle pensava ser varíola) estava grassando violentamente em sua diocese. Pois, o alastrim, o tifo e outras doenças dos sertanejos, era o principal assunto das conversas de D. Muniz, ou nelas entrava por forçada associação de idéias. Além do problema sanitário, também o econômico o preocupa. Espera para os seus milhares de diocesanos a época de abundância que trará o aproveitamento do S. Francisco. D. Muniz tem sôbre os sertanejos uma grande autoridade. Na véspera da partida dos médicos que lá se encontravam, após a novena, o bispo lhes agradeceu de público o serviço que tinham realizado, apresentando-os aos fiés como «benfeitores». Pois bem, ao terminar a cerimônia, quando os doutores atravessavam a praça, eram abordados por homens e mulheres que os chamavam de Santos, havendo mesmo algumas velhas que beijavam as suas vestes. No entanto, durante todo o tempo que lá permaneceram, eram encarados apenas como «doutores», mesmo por aquêles que usufruíam os seus benefícios. No dia seguinte, na hora em que o avião partia, muitas centenas de romeiros estavam no «campo» apenas porque o bispo tinha «convidado».

Mesmo aproveitando 16 horas por dia em trabalho, observações e anotações, não se poderia esperar grande rendimento, uma vez que o tempo que passamos em Bom Jesus da Lapa foi muito curto. Mesmo do material colhido, alguns preparados só puderam ser examinados no Instituto, após a

nossa volta. Assim as observações clínico-parasitológicas realizadas estão longe da perfeição, traduzindo apenas muito esforço e boa vontade.

Malária: Não só entre os romeiros mas também na população fixa de Bom Jesus da Lapa a malária incide largamente. Haja vista que na cidade, estavam com paludismo o juiz, um médico, o coletor e duas pessoas da família do prefeito. O diretor do Posto de Higiene, todos os anos desde que lá se encontra tem malária. Na pensão onde morávamos uma copeira estava com terçã benigna. Entre os romeiros, era freqüente encontrar-se algum com acêso palúdico, nas grutas, nos casébres, em baixo das árvores.

Dois *Nyssorrhynchus* foram capturados na casa do coletor. Infelizmente o material não foi conservado em condições favoráveis, não se prestando para determinação específica. Dado o tempo premente de que dispúnhamos para o trabalho, foram feitos preparados de sangue estirado de 28 pessoas com febre no momento do exame (ou 1 ou 2 dias antes) 6 do quais apresentavam esplenomegalia. O número é insignificante não há dúvida, para fornecer dados mesmo aproximativos da incidência malárica, todavia serviu para dar a conhecer as espécies de plasmódios ocorrentes. Assim é que dos preparados referidos, que foram corados pelo método de Giemsa, 7 foram positivos, (25%), sendo 4 com *P. vivax* e 3 com *P. falciparum*. Dos primeiros, um era de Mangas, Minas Gerais, e dos segundos, um procedia de Macaúbas, Bahia. Todos os demais eram de Lapa. Os principais criadores de anofelinos estão em coleções d'água que ficam na margem do rio, quando êste volta ao seu leito, nas vasantes... São pequenas lagôas, grandes buracos (semelhantes aos "barreiros" do Ceará) e pequenos braços, sem correnteza, com a água parada nas margens.

Leishmanioses — Principalmente entre os mendigos, foram vistos lesões ulcerosas suspeitas, em indivíduos de procedência diversa. Como dispúnhamos de pequena quantidade de antígeno, para a reação de Montenegro, em apenas 3 pacientes com lesões clínicas cutâneo-mucosas mais características, foi feita a intradermo-reação. Tôdas foram positivas, à leitura em 24 horas. A pesquisa direta de leishmanias em 2 dêstes casos (no 3º as lesões estavam cicatrizadas) e em mais 2 outros suspeitos, foi negativa. Aliás como se sabe, esta é a regra: nas lesões antigas (principalmente muco-cutâneas) os parasitos geralmente não são encontrados, porque são mesmo raros nessas lesões antigas, uma vez que levam desvantagem na concorrência com os germes de contaminação.

Os 3 pacientes que deram intradermo-reação positiva procediam de Brotas de Macaúbas, Mórro do Chapéu e Lapa, todos municípios baianos.

Do mesmo modo, 2 outros suspeitos, que procediam de Camamú e Ilhéus, e nos quais, as lesões eram exclusivamente cutâneas. Além desses 5 casos, foi visto mais um com manifestações cutâneo-mucosas características, apresentando também síndrome de gangosa (voz fanhosa). Neste caso, as lesões cutâneas estavam saradas, e o mesmo parecia acontecer com as lesões mucosas. A paciente, que também tinha bócio e procedia de Riacho, município de Lapa, referia ter tido durante muito tempo uma «catinga» (máu cheiro) no nariz, a qual foi curada com «tapurú» (larvas de mosca). Váriosromeiros confirmaram esta estranha terapêutica, empregada há muito, pelos sertanejos. Recordamos que há dois decênios, a mesma foi cientificamente lançada para a cura de úlceras crônicas. As larvas alimentando-se dos tecidos necrosados, limpam a úlcera, ativando a proliferação cicatricial.

No único caso suspeito de kala-azar, foi feita espleno-punção, com resultado negativo para leishmania, tendo sido encontrado abundante pigmento malárico.

Úlceras — Muito elevado era o número de úlceras entre os romeiros. Foram feitos preparados de 6, corados pelo Giemsa. Em 2 foi encontrada associação de *Borrelia vincinti* e *Bacillus fusiformis*. Duas eram bastante suspeitas de leishmanióticas e, apesar de não termos encontrado leishmanias, continuamos pensando ser sua etiologia a referida. As outras 2, tratavam-se de úlceras crônicas apresentando uma flora bacteriana polimorfa, mascarando sua natureza que não pôde ser estabelecida. Os 2 casos de *ulcus tropicum* procediam de Lapa e Remanso.

Doença de Chagas — Não vimos nenhum caso com sintomatologia suspeita de tripanosomiase aguda. Entre os romeiros examinados, vários queixavam-se de “mal de engasgo” e “vexame” e um de Minas apresentava o “baticum”. Este último caso, era uma mulher branca de 38 anos, procedente de Mato Verde, município de Monte Azul, a qual apresentava taquicardia com extrasístoles. Conhecia o barbeiro. O exame de sangue em gôta espessa foi negativo e infelizmente não dispúnhamos de triatomídeos normais para xenodiagnóstico. Pessoas moradoras nos subúrbios de Lapa, deram absoluta evidência de que conheciam o barbeiro, mas não logramos encontrá-los em 3 casas examinadas que pareciam propícias ao seu desenvolvimento, e nem em 2 grutas examinadas. Não pudemos procurá-los nos ninhos dos urubús, por se localizarem em pontos do morro de difícil acesso. Alguns romeiros de outros Estados, inquiridos, conheciam o «bicho de parêde», ou o «procotó», ou o «bicúdo», nomes pelos quais são também conhecidos os transmissores da doença de Chagas no nordeste.

Verminoses e Protozooses intestinais — Como em tôdas as zonas rurais do País, as helmintiasés incidem também nos sertões, nada obstante as condições climáticas gerais serem desfavoráveis à evolução exógena dos parasitos. Mas, não deve ser esquecido que o homem luta contra a falta d'água, buscando a vizinhança dos rios, lagôas «ipueiras» (lagôas grandes) ou construindo açudes, cacimbões, etc. e aí, óvos e larvas de helmintos encontram meios propícios ao seu desenvolvimento. De início, deve ser assinalado, entretanto, que não vimos entre êles, aquêles casos de profunda anemia ancilostomótica (com sôpros e edemas) encontrados em outras regiões do País, como p. ex. na Amazônia. Êste fato deve ser atribuído à sua alimentação cárnea prevalente, que lhe permite praticamente manter o metabolismo marcial, alterado a cada instante pelo helminto. Todos usam a decantada «carne de sol» dos sertões. Interessante é que nos casos, raros, em que se observava uma anemia mais pronunciada, tratava-se de indivíduos residentes nas margens do S. Francisco ou de seus afluentes, muito piscosos, que fornecem, sobretudo, o saboroso «Surubim».

Para exames coproscópicos distribuimos recipientes próprios, fornecidos pelo Pôsto de maneira que quando havia necessidade de tais exames, os pacientes voltavam ao "laboratório" trazendo o material que era logo examinado.

De 15 coproscopias realizadas, 9 (60%) foram positivas para óvos de *Necator americanus*, associados aos outros helmintos mais comuns *Ascaris lumbricoides* e *Trichuris trichiura*. Em um exame foi encontrado *Enterobius vermicularis* em paciente de Ilhéus. Três casos, procediam respectivamente de Barra, Santana e Chique-Chique. Todos os outros casos, eram pessoas de Lapa.

Oito das fêzes examinadas tinham aspecto normal, 4 eram diarréicas e 3 disentéricas (com muco e sangue). Destas últimas, foram encontrados cistos e formas vegetativas de *Entamoeba histolytica* em um caso e, nos dois outros, formas vegetativas de *Chilomastix mesnili*; todos eram residentes nos subúrbios de Lapa. Em um dos casos de diarréia, foi encontrada em pessoa procedente de Itabuna, *Trichomonas hominis*, e nos outros, óvos de helmintos.

Quanto ao encontro de *Chilomastix* acima referido, sua responsabilidade etiológica nos processos patogênicos em fóco, deve ser posta em reserva. Embora a pesquisa cuidadosa de cistos amebianos tenha sido negativa (pesquisa essa ainda mais acurada justamente pelo encontro dos flagelados, e porque os quadros clínico e coproscópico afastavam a suspeita de disenteria bacilar, reforçando a de amebiase) geralmente é considerada de natureza

saprozoica a ocorrência de *Chilomastix* no intestino humano. Todavia, merecem registro as presentes circunstâncias de seu encontro.

Schistosoma mansoni — Foi encontrada uma paciente com êste helminto. Tratava-se porém de um caso mineiro já diagnosticado, parente de um médico. A doente provinha da cidade de Medina, em Minas Gerais. Tivemos informações que no município de Santana na Bahia já foram encontrados casos desta helmintíase, que aliás como se sabe grassa em largas zonas do nordeste.

Escabiose — A incidência de *Sarcoptes scabiae* é também muito elevada. Sendo a sarna uma das parasitoses mais despresadas, também qui, como em outras zonas rurais do Brasil, espalha-se com grande facilidade, consideradas as precárias condições de higiene reinantes. Por si só, já constituindo às vezes um mal de importância, complica-se freqüentemente pelas contaminações ocasionadas pelo prurido, levando ao impetigo, furunculose e outras piodermites, sem falar na gravidade que assume na forma chamada «norueguesa». O “bicho de pé” (*Tunga penetrans*) não foi encontrado com a freqüência assinalada para a Amazônia ou E. do Rio.

Bouba — Dada a alta incidência da framboesia trópica no nordeste — onde p. ex. só na Paraíba, existem 30.000 boubáticos fichados — causou-nos surpresa ter visto apenas 3 casos da moléstia. Tratava-se de lesões terciárias: goma ulcerada da mão com lesões ósseas em um caso; lesões gomatoides da face e pescoço, em parte cicatrizadas, com grandes mutilações do rosto, no outro, e no terceiro lesões eritemato-papulo-escamosas no antebraço esquerdo e tronco, enquanto na articulação do cotovêlo dir. eram vistos lesões semelhantes e mais ulcerações gomosas. Êste ultimo devia ser índio quase puro, sabia o nome popular de sua doença e informou que outras pessoas sofriam do mesmo mal no lugar em que morava (Barreiras, Bahia). Tratando-se de terciarismo no qual o *Treponema pertenue* é raro, a pesquisa direta foi negativa. Os outros casos procediam de Santana e Lapa, Bahia. Em Lapa vimos *Hyppellates* chamados “lambe-olho” e incriminados como transmissores desta dermatose.

Sífilis e doenças venéreas — A incidência da lues é alta, sobrepujada grandemente pela da blenorragia, cuja distribuição é verdadeiramente notável. As outras moléstias venéreas são menos freqüentes. Foram vistos apenas dois casos de «cancro-mole» (*Haemophilus ducreyi*). Quanto à sífilis, basta

referir que um quarto das fichas do inquérito, já referidas, trazem diagnóstico clínico da treponemose de Schaudinn. Vimos um proto-sifiloma típico. Em um caso de placas mucosas hipertróficas perianais, (provavelmente complicadas de fegeadenismo), associadas a papulas húmidas e sífilides escamosas, fizemos a pesquisa direta do *Treponema pallidum*, com resultado positivo, empregando o método de Fontana Tribondaux. Estes 2 últimos doentes eram de Lapa. Foi visto também um caso de nódulos de Lutz-Janselme, provavelmente de origem luética, localizando-se a lesão junto da articulação do cotovelo.

Bócio endêmico — Também o bócio endêmico incide largamente. Numerosas pessoas, incluindo casos de 2 ou 3 membros de u'a mesma família, foram vistas com hipertrofias da tireoide em maior ou menor grau. Em sua grande maioria eram pessoas do sexo feminino e o aparecimento e evolução do tumor, estavam aparentemente relacionados à fisiologia sexual. Assim, o aparecimento freqüentemente, coincidia com a menarca e um grande avanço no seu crescimento, às vezes seguira-se a uma gestação. Tal era o caso de uma família, na qual a genitora exibia um grande bócio, a filha de 24 anos, um médio e a filha de 14, um pequeno.

Os casos vistos procediam de Itabuna, Remanso, Correntina e Lapa, na Bahia; e Pedro Afonso, Goiás.

Outras doenças — Vimos vários casos de tracoma que nos foram mostrados pelos colegas oftalmologistas, assim como lesões outras interessantes: pterigios, blefarites, entropions, tumores oculares, pseudo-pterigio provocado por queimadura (potassa cáustica), etc. Alguns dos doentes examinados apresentavam também a «sapiroanga», conhecida em todo o nordeste.

Variola e Alastrim — Vários romeiros dos sertões baianos fizeram referência a epidemias de variola, o que foi confirmado até mesmo por médicos. Assim é que o dr. Altamiro Filardi, afirmou ocorrer epidemia no município de Santana, onde trabalha. Porém dada a baixa mortalidade, trata-se na maior parte das vezes do alastrim. Como se sabe, em zonas onde a vacinação anti-variólica nunca foi realizada ou o foi em pequena escala, a doença assume alarmante morbidade, fazendo mesmo algumas mortes. A "variola minor" é então confundida com a própria variola e o medo se apodera das populações atingidas. Muitos emigram para zonas vizinhas, e algum já infectado que vai entre eles, logo estabelece outro foco que se espelha rapidamente. Assim que chegamos ao Rio, comunicamos o fato ao diretor do I.O.C., que mandou grande quantidade de vacinas, as quais foram aplicadas imediatamente na Diocese da Barra, o que soubemos por telegrama

do bispo D. Muniz. Alguns romeiros apresentavam cicatrizes características da verdadeira varíola.

Micoses — Não logramos encontrar nenhum caso de blastomicose, apesar de termos visto 2 lesões suspeitas. Diagnosticamos clinicamente, por típicas, 2 casos de *Ptyriasis versicolor*, que aqui como no extremo Norte também é chamada «panos». Foram vistos também dermatomicoses rotuladas de «empigem». Aliás, esta expressão popular designa lesões de diferentes dermatofcias, além de, na Amazônia, serem assim chamadas as lesões secundárias de «pinta» ou «carate», que lá recebe o nome indígena de «purú-purú».

Febre Tifoide — Pelas informações obtidas, inclusive de médicos, a febre tifoide é endêmica em tôdas as cidades da margem do S. Francisco e seus afluentes. Mesmo em Lapa, assim como na Cidade de Barra, todos os anos são assinalados muitos casos. Pouco depois de nossa chegada ao Rio, o Instituto Oswaldo Cruz mandou muitas vacinas para essas cidades, onde foram imediatamente aplicadas.

Corrução — Romeiros de Goiás, inquiridos, conheciam a «corrução» «por ouvir falar», mas não foi vista nenhuma pessoa que já tivesse tido a moléstia. Esta interessante enfermidade, caracterizada pelo seu sinal mais conspícuo (prolapso retal) está merecendo cuidadosas pesquisas. As extremas adinamia e apatia dos pacientes que, segundo informam, se queda sonolento no chão evitando o menor movimento (ficando «atirado» num canto), lembra a tripanosomiase africana e faz suspeitar de uma encefalite. O dr. Waldemar Reis, médico militar destacado em Mato Grosso, zona onde existe a moléstia que ataca os «poiaeiros», em visita ao Instituto, referiu que a doença às vezes é encontrada em pacientes com terçã maligna e grandemente depauperados em consequência da péssima alimentação daquelas paragens. Porém, conhece caso de pessoa recém-chegada e bem nutrida, que contraiu a enfermidade. Confirmou o remédio empregado em tôda a parte onde existe a moléstia: a «pirúla». Trata-se de um supositório composto de sabão, pimenta e pólvora, com o qual fazem a redução mecânica do prolapso, ao ser o mesmo introduzido. Estas informações coincidiram com as observações do dr. Henrique P. Veloso, do Instituto, o qual recentemente visitou regiões atingidas. A doença parece ser esporádica, apesar de referências leigas falarem em epidemias, e, provavelmente, é de natureza virúsica.

Filariose — Já muitos referiram como a filariose (*Wuchereria bancrofti*) torna-se cada vez mais rara na Bahia, havendo até quem pense em seu futuro desaparecimento espontâneo. Tal hipótese, provavelmente, decorre da lembrança do que ocorreu com a *Dracunculus medinensis* que desapareceu completamente da Feira de Santana. Não deve ser esquecido, entretanto, que neste caso, a extinção do fóco foi devida à ausência do hospedeiro intermediário, o *Cyclops*, não podendo fato semelhante acontecer com a bancroftose, cujos transmissores são abundantes. Todavia, causou-nos espécie a raridade de elefantíases. Aliás, de natureza filariótica provável, foi visto apenas uma caso, com adenite, surtos erisipelatoides e febre, procedente de Águas Verdes, no qual não foram encontradas microfíliarias no sangue periférico.

Pé musgoso — Outra elefantíase da perna encontrada, era um caso de «mossy-foot», de Thomas, que por primeiro o descreveu na Amazônia. É o conhecido «pé musgoso» dos autores nacionais, também chamado «pé do paraguai». Trata-se de síndrome ocorrendo em várias moléstias chamadas tropicais: boubá, sífilis, leishmaniose, cromoblastomicose. Quase sempre, qualquer que seja a sua etiologia, é complicada por estreptococias, parecendo mesmo em certos casos, serem estas bactérias o seu verdadeiro agente etiológico. O doente procedia de Carinhanha, Bahia.

Teniase — U'a mulher procedente de Angical, Barreiras (Bahia) informava ter «solitária» desde jovem, emitindo freqüentemente proglotes. Pelas informações, o helminto que albergava pertencia ao gênero *Taenia*.

Doença de Recklinghausen — Em 2 romeiros procedentes de Jacobina (Bahia), pai e filho, vimos a chamada «doença de Recklinghausen» ou neurofibromatose. No rapaz, de 16 anos, a moléstia estava em início, mas no velho já se encontrava muito avançada, observando-se tumores desde o tamanho de um grão de milho até o de um limão. Dêste caso, damos boa ilustração. Tentamos fazer biopsia mas não foi possível obter o consentimento do paciente.

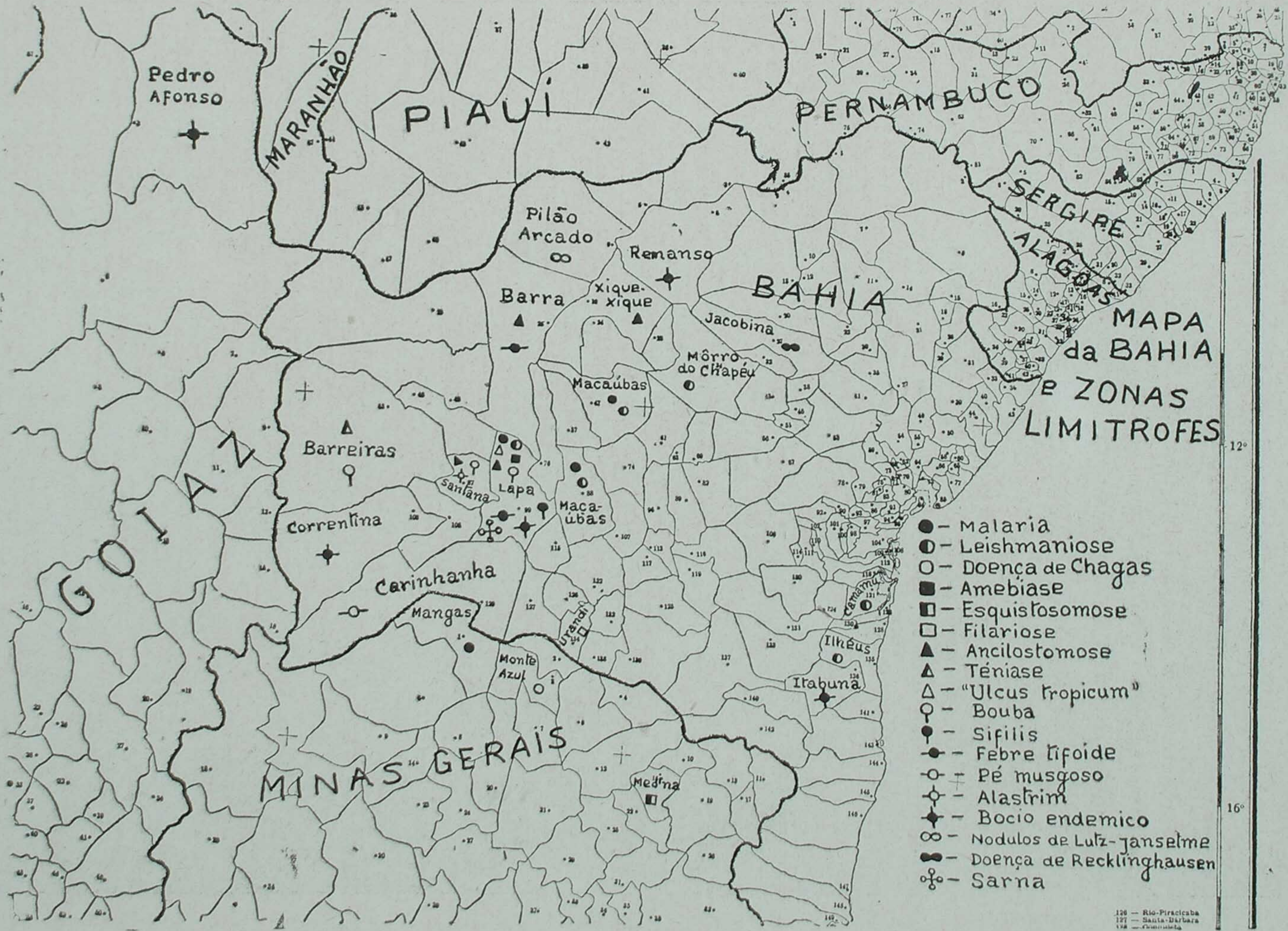
Casos teratológicos — A «rua dos mendigos» de Lapa, é um verdadeiro museu de teratologia encontrando-se acrodroplasias, hidrocefalias, nanismos totais e parciais, gigantismos parciais, microcefalias, etc.

No mapa anexo, estão distribuídos pelos municípios as doenças encontradas, ou de cuja existência obteve-se informações dignas de fé. A grande

maioria dêsses municípios pertence à Bahia e o de Bom Jesus da Lapa figura com o maior número de doenças. A razão, como parece óbvio, está em que de Lapa, e municípios vizinhos, foi examinado maior número de pessoas.

Por outro lado, observações feitas para um município, aplicam-se muitas vezes àqueles mais próximos, uma vez que dificilmente as características fisiográficas regionais se modificam em municípios contíguos.

Finalizando, queremos ressaltar a necessidade imperiosa de um inquérito sanitário amplo, a ser realizado por equipe e durante alguns meses, visando conhecer as condições nosológicas, não só de Lapa como de tôdas as cidades das margens do S. Francisco, estabelecendo-se as bases do saneamento dessa grande bacia hidrográfica, uma das mais ricas do País e para a qual os poderes públicos em boa hora acabam de voltar as suas vistas.



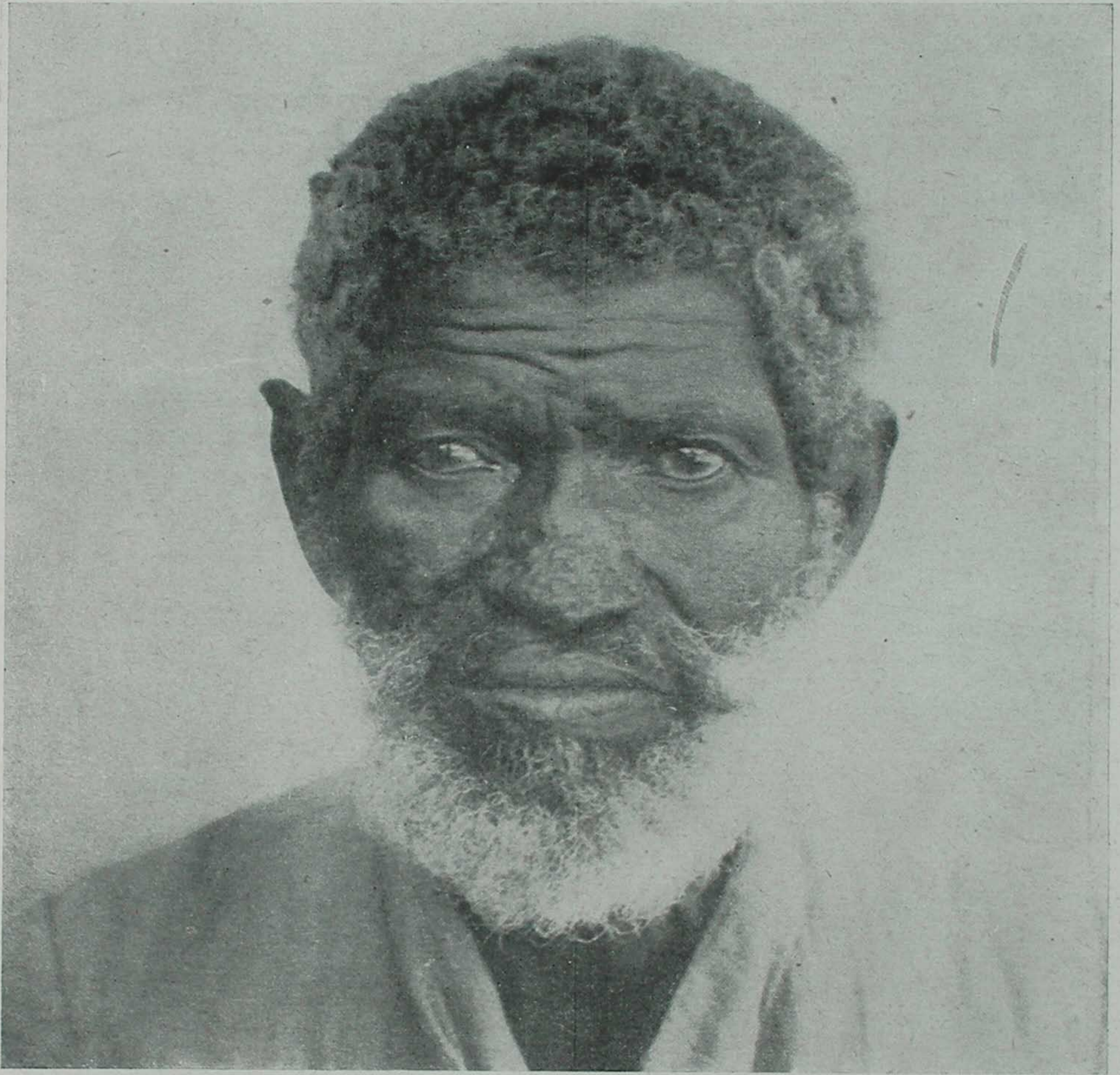
- - Malaria
- - Leishmaniose
- - Doença de Chagas
- - Amebíase
- - Esquistosomose
- - Filariose
- ▲ - Ancilostomose
- ▲ - Têniase
- △ - "Ulcus tropicum"
- ♀ - Boubá
- - Sífilis
- - Febre tifóide
- - Pé musgoso
- - Alastrim
- ◆ - Bocio endêmico
- ∞ - Nodulos de Lutz-Janselme
- - Doença de Recklinghausen
- ⊕ - Sarna

126 - Rio-Piracicaba
 127 - Santa-Barbara
 128 - Curitiba

Nery Guimarães: Doenças encontradas nosromeiros da Lapa 227



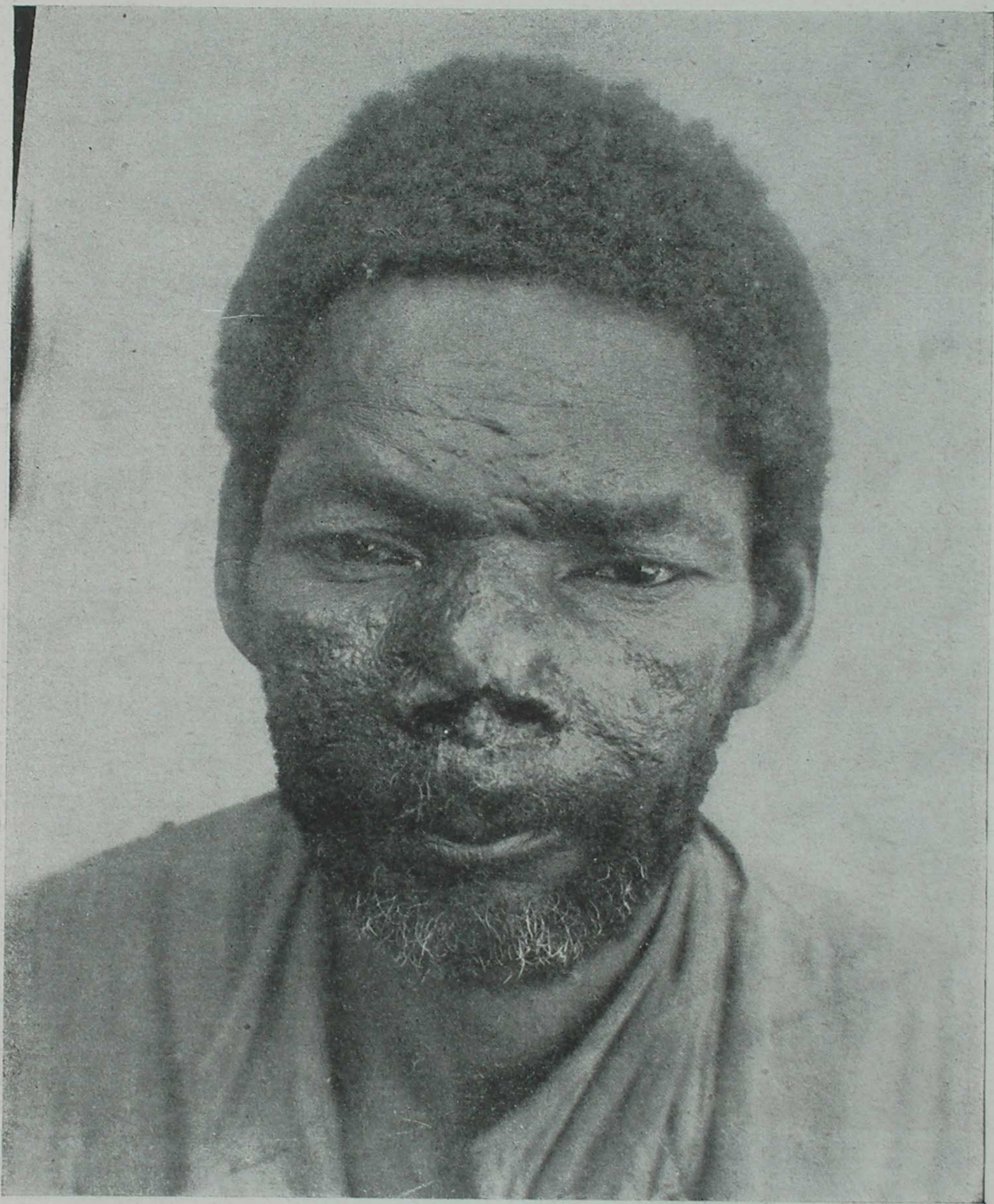
1 — Bouba terciária. No rosto, cicatrizes de lesões antigas. Lesões ativas papulo-eritemato-escamosas e ulcerosas no tronco e braços. Pesquisa direta de treponemas negativa. Seis anos de molestia. Caso procedente de Barreiras, Bahia.



2 — Leishmaniose tegumentar americana. Cicatrizes de lesões antigas. Não houve ataque á mucosa. Intradermoreação: fortemente positiva, usando-se 0,1 cc de antígeno, como nos outros casos. Caso procedente de Lapa Bahia, com molestia datando de 20 anos.



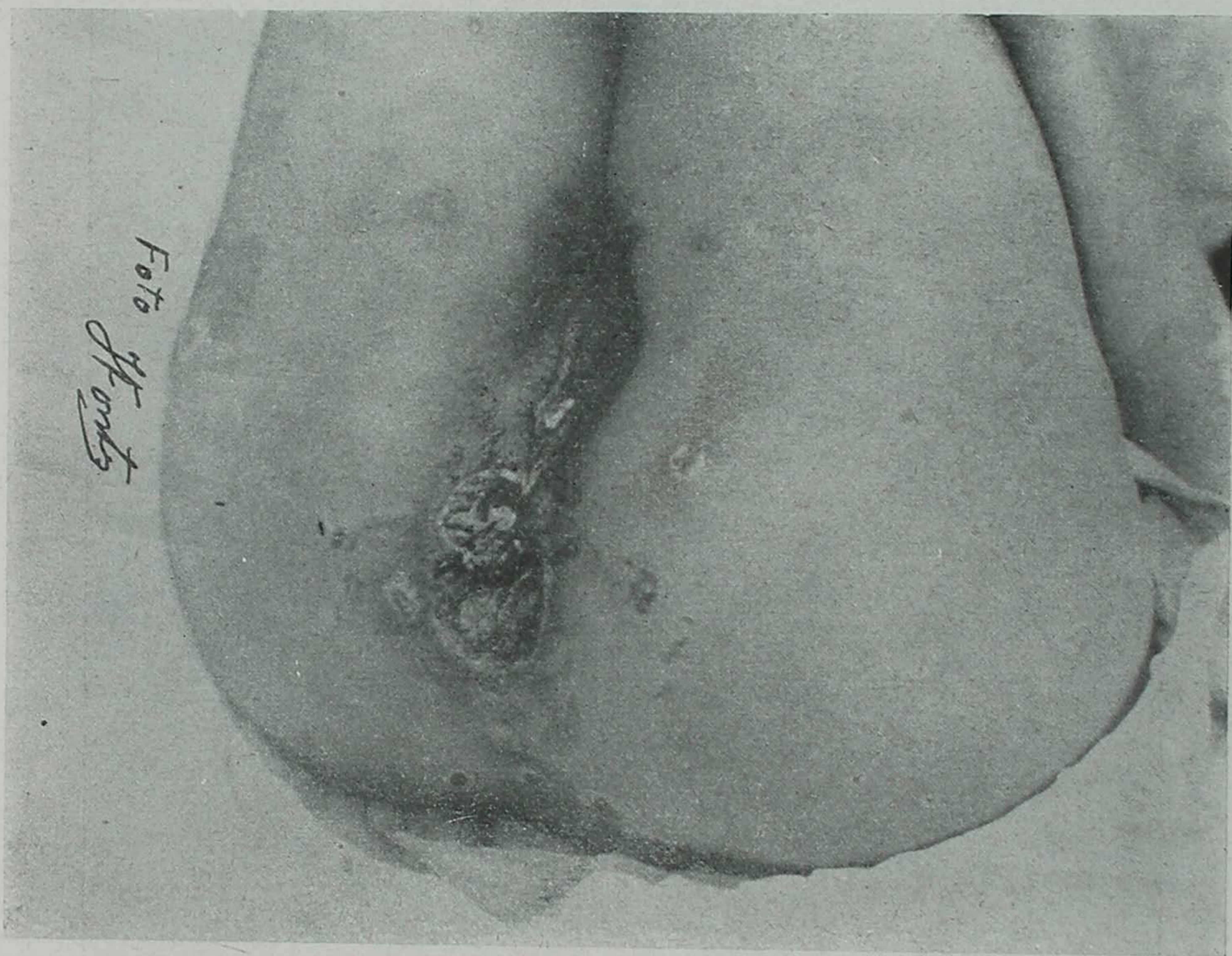
3 — Leishmaniose cutaneo-mucosa. Gangoza. Intradermoreação: fortemente positiva. Paciente vinda do Morro do Chapéu, Bahia, a qual informa estar doente ha 26 anos. A doente que se considerava boa (apesar de apresentar lesões ativas no nariz, cujo septo estava completamente destruido) dizia ter se curado com "tapurús" (larvas de mosca) que tinham feito desaparecer a "catinga" ruim que exalava do nariz.



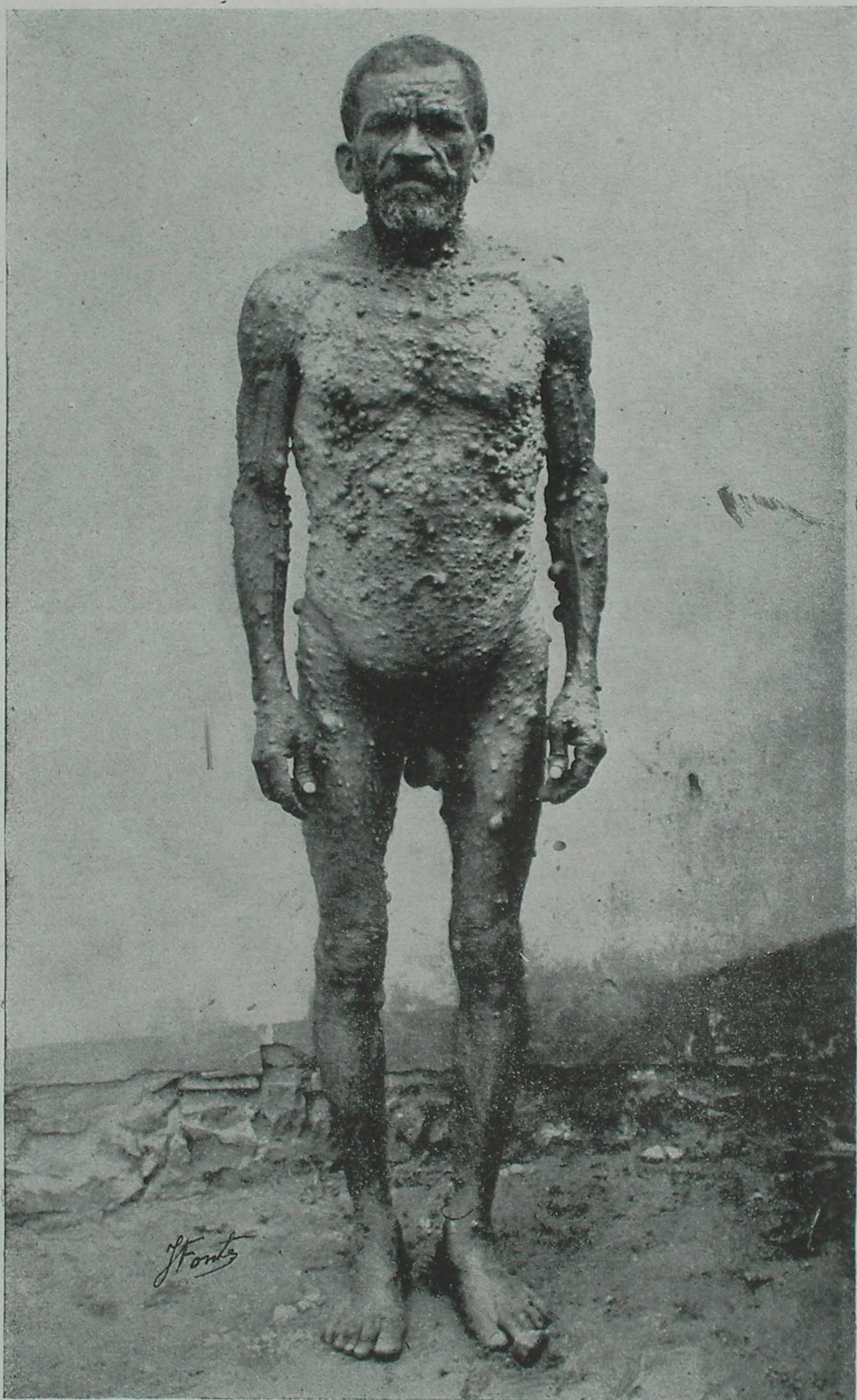
1 — Leishmaniose cutaneo-mucosa. Síndrome de gangoza. Intradermoreação: fortemente positiva. Doente ha 16 anos. Caso procedente de Brotas de Macaúbas, Bahia,



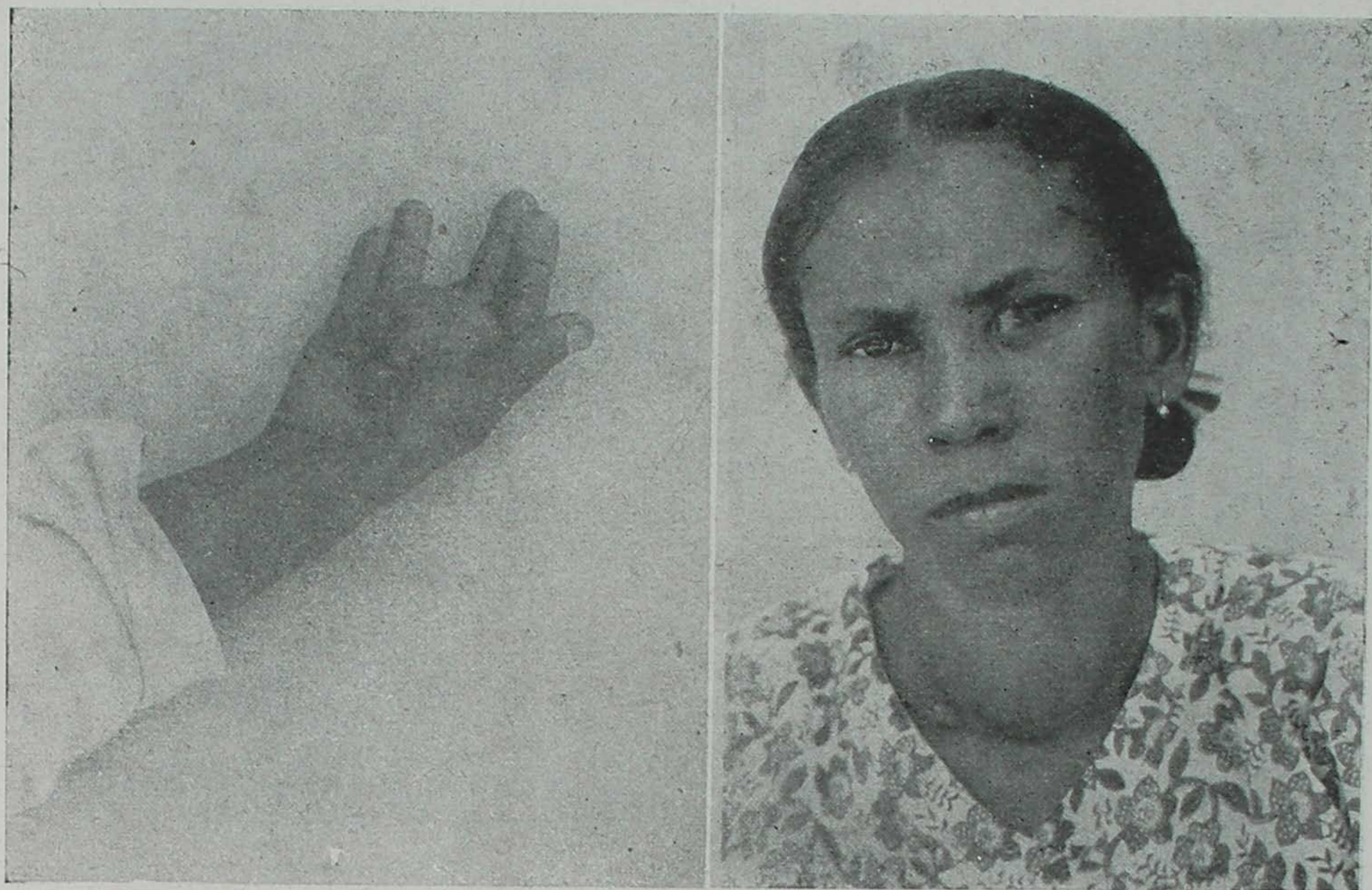
5 — Doença de Thomas: "mossy foot". Também chamada mais comumente "pé musgoso" e, às vezes, «pé do Paraguai». Elefantíase com extrema queratose, fissuras e discromias. É um síndrome podendo ocorrer na cromoblastomicose, na boubá, na sífilis, na leishmaniose e geralmente é complicado por estreptocócias, sendo as vezes sua etiologia exclusivamente bacteriana. Caso procedente de Carinhanha, Bahia.



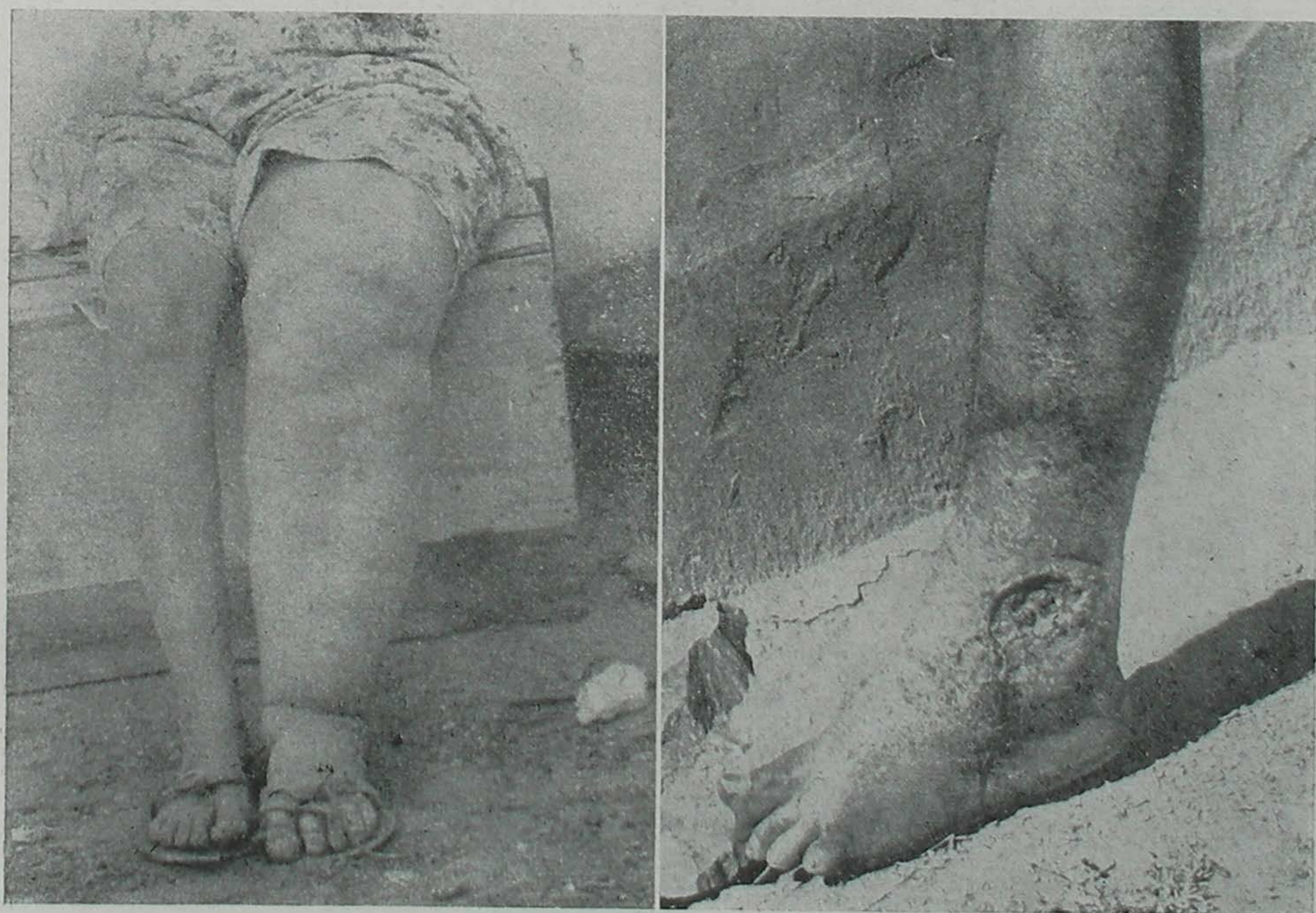
6 -- Sífilis, Placas mucosas hipertroficas (complicadas de fagedenismo) e outras lesões lúcticas. Treponemas presentes em material impregnado pela prata (Metodo de Fontana-Tribon-
daux) Caso de Lapa



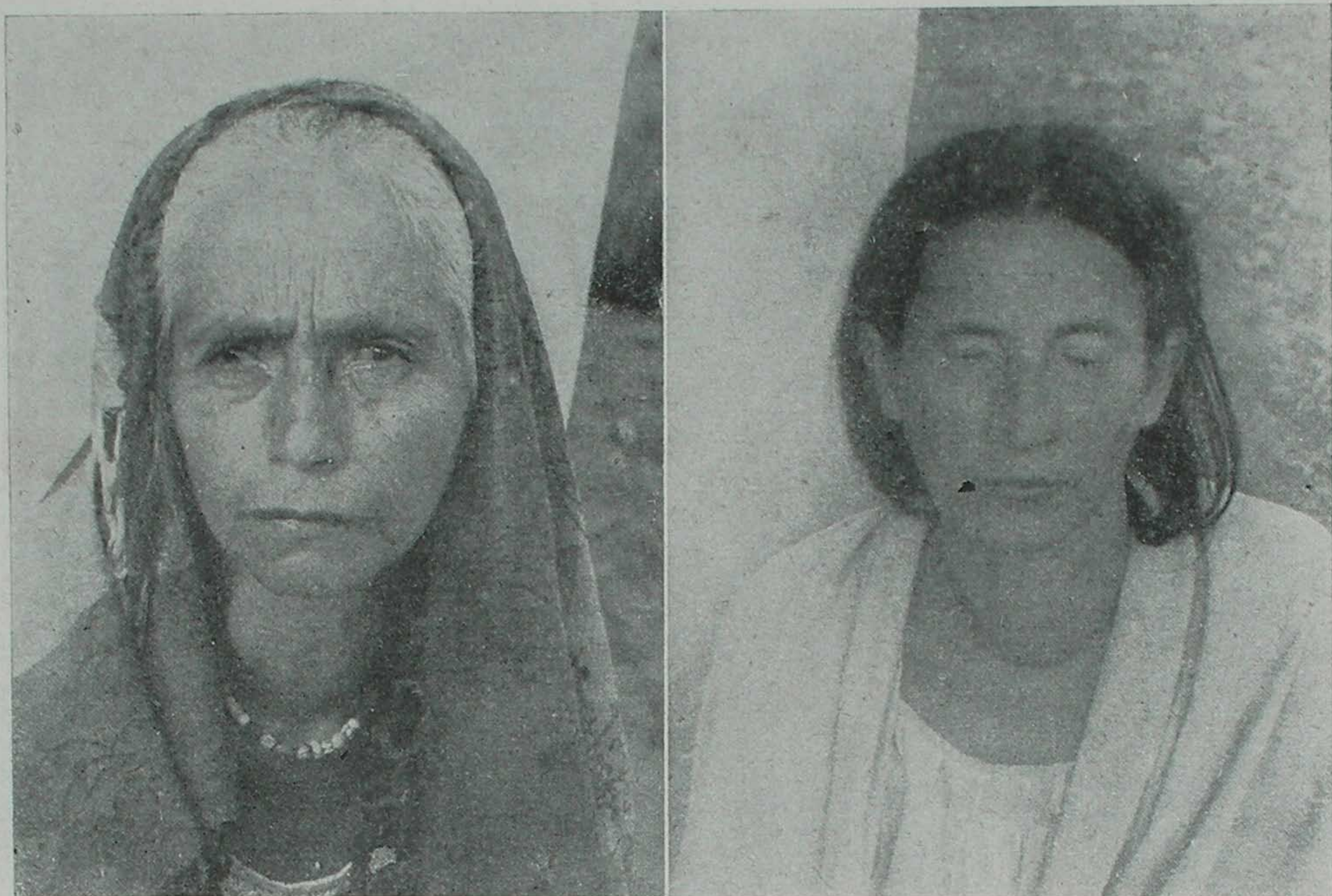
7 — Doença de Recklinghausen. Neurofibromatose. Caso procedente de Jacobina Bahia. Um filho do paciente de 16 anos, já apresentava início da molestia



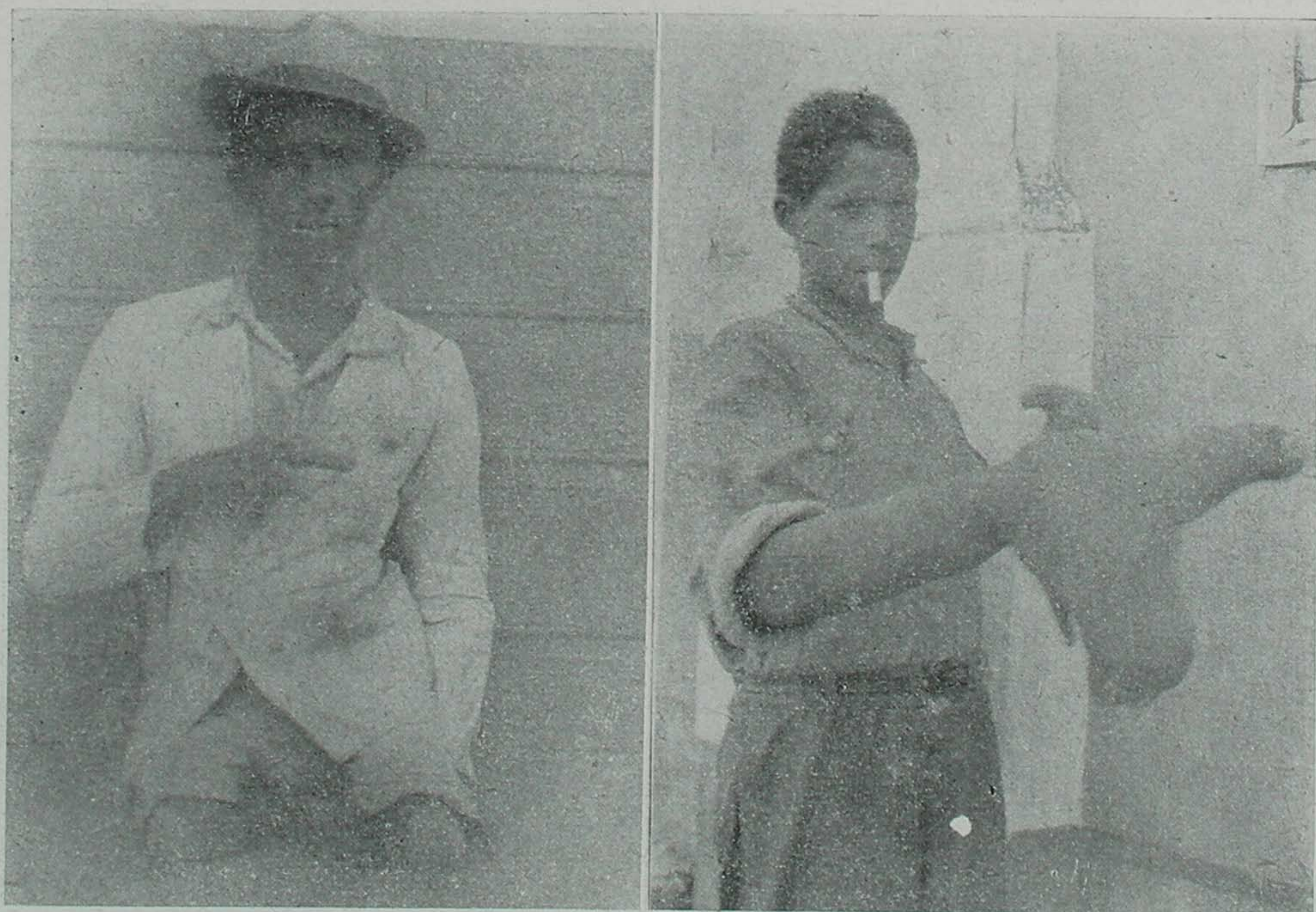
8 a — Cisto sebaceo da mão. Caso procedente de Lapa. 8 b — Bocio endemico. Pequena hipertrofia tiroidiana. Caso procedente de Remanso, Bahia. A doente é portadora de um tumor ocular estudado pelos oftalmologistas que se encontravam em Lapa



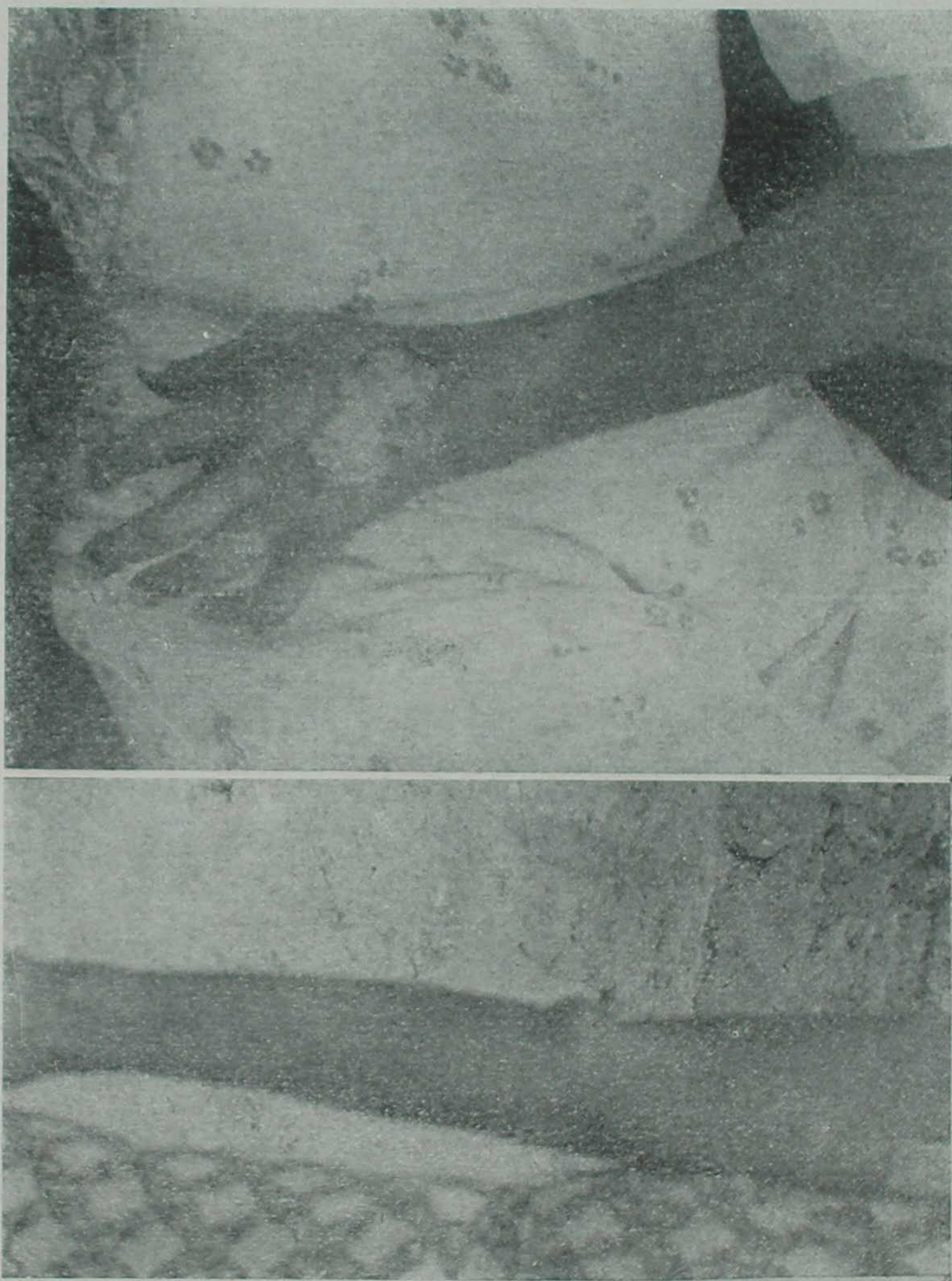
9 a — Elefantíase de origem filariótica provavel. Caso procedente de Aguas Verdes, município de Urandí, Bahia. 9 b — Ulcera tropical antiga. Nos esfregaços foi encontrada associação fuso-espirilar. Caso procedente de Remanso, Bahia



10 a e 10 b — Conjuntivite e cegueira consequente a tracoma. Casos estudados pelos oftalmologistas que se achavam em Lapa.



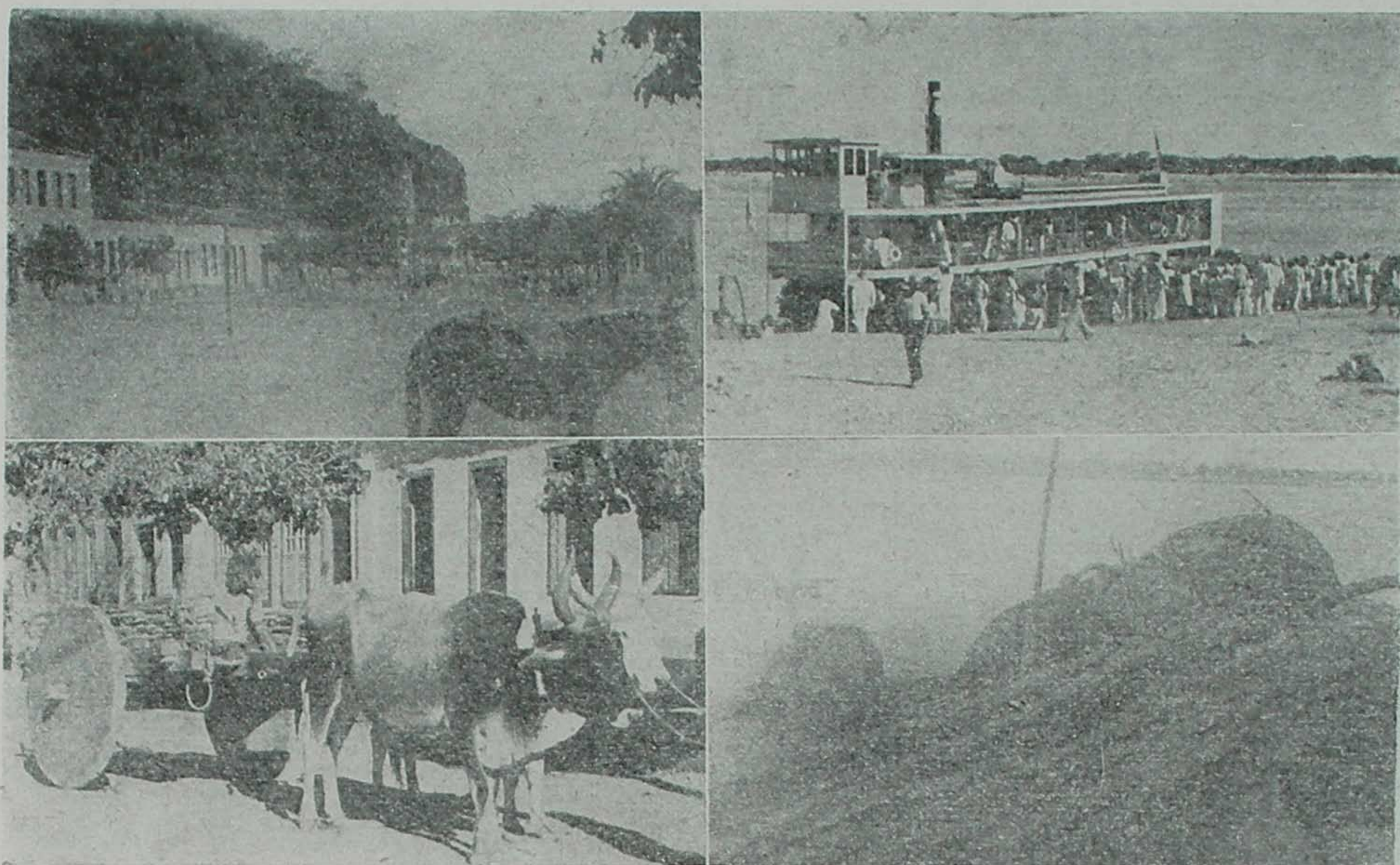
11^a — Caso encontrado entre os mendigos de Lapa. Atrofia dos membros inferiores e sindactilia e hipodactilia da mão direita. 11 b — Gigantismo da mão direita. Foto do dr. Aderbal Guimarães de Almeida



12 a — Lesão boubatica terciaria gomatoide da mão, com comprometimento ósseo. Caso procedente de Santana dos Brejos, Bahia. Pesquisa direta de treponema negativa. 12 b — Nodulo de Lütz-Janselme de origem luetica provavel. Paciente vinda de Pilão Aacado, Bahia



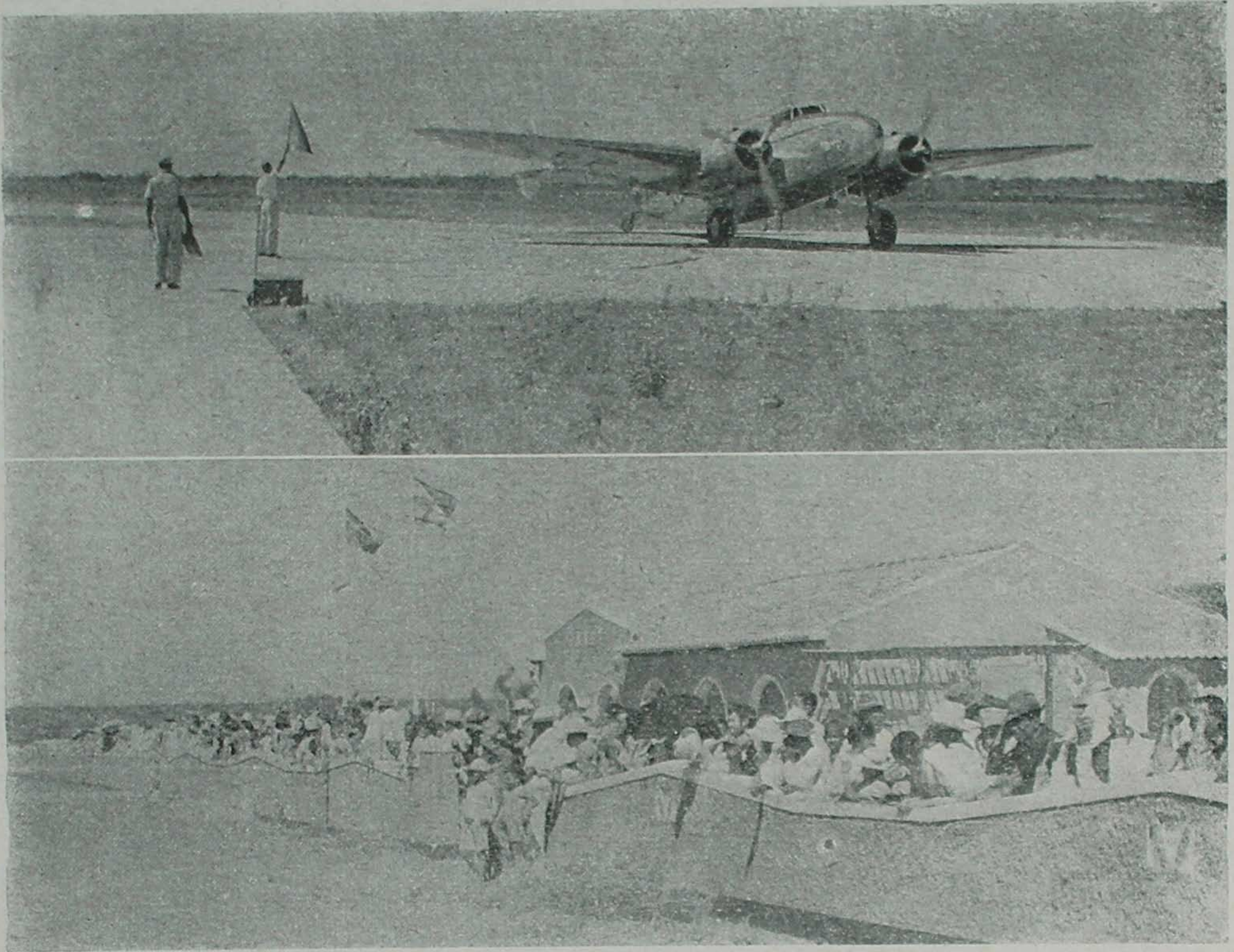
13 a — Sarna (*Sarcoptes scabiei*). Lesão característica do seio. Caso procedente de Lapa. 13 b — Bouba terciária. Cicatrizes mutilantes de gomas cutâneas, semelhantes a cicatrizes de queimaduras. Caso procedente de Lapa, Bahia



14 — Meios de transporte dos romeiros: cavalo, carro de boi, navio e canôa. Os barcos trazem na prôa por tradicionais carrancas. No foto aparece uma cabeça de "minhocão" num dêles.



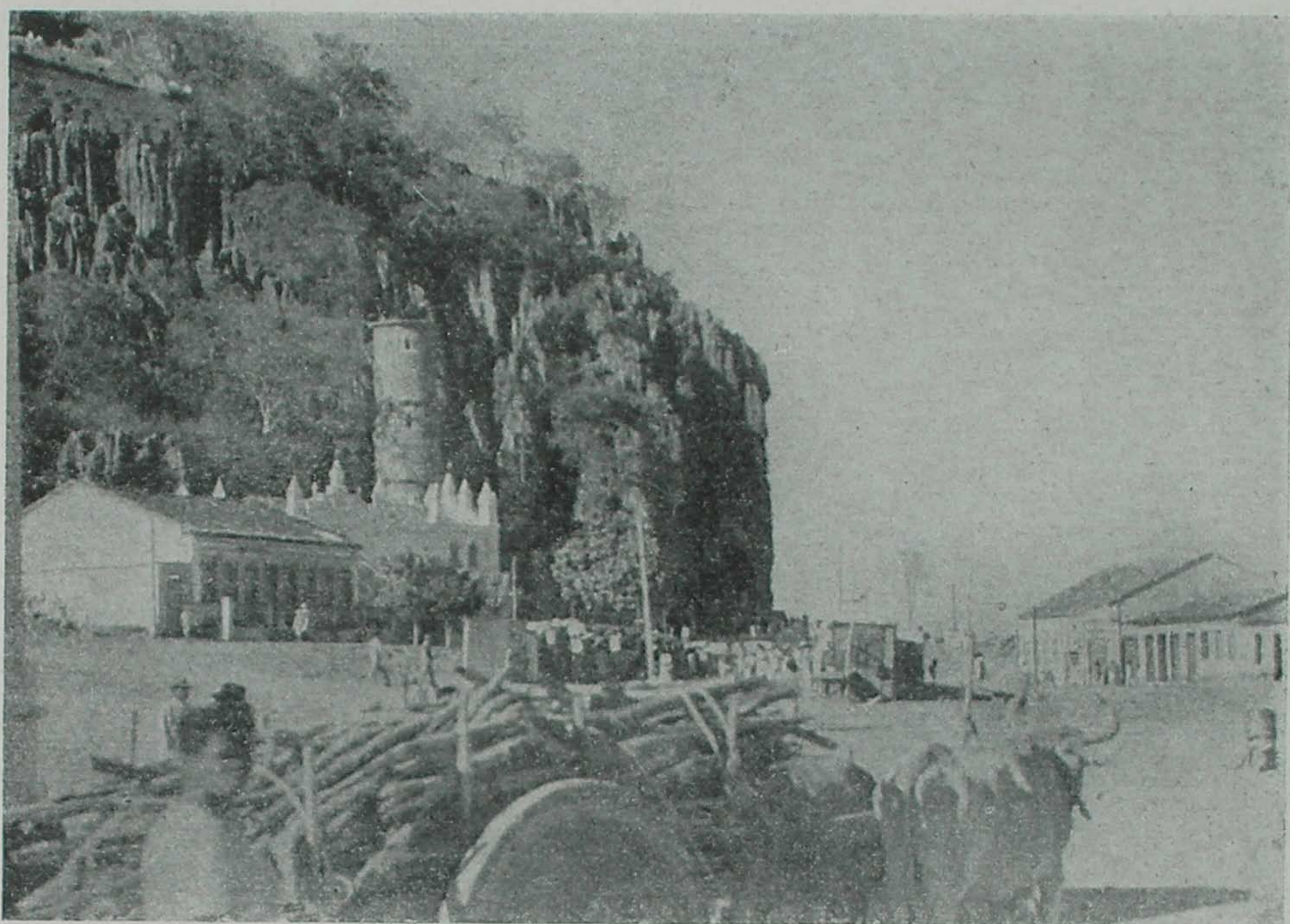
15 — O «S. Salvador» vai agitando as águas do S. Francisco de Pirapora e Joazeiro. Os romeiros vêm na "3.ª" e na Sta. Luzia', o reboque. De mistura com a carga suas rêdes se cruzam em tôdas as direções



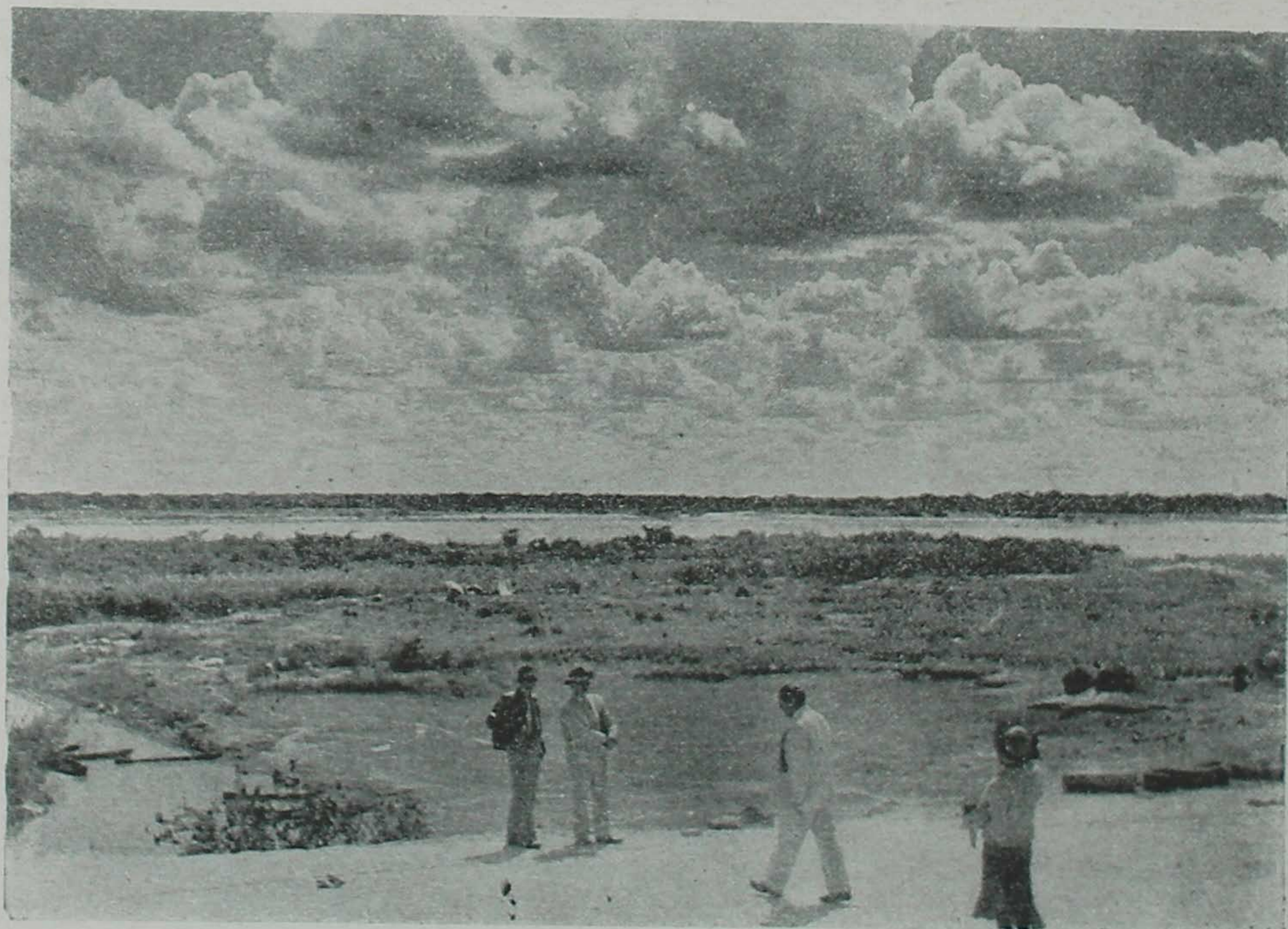
16 -- O avião assim com o navjo é uma grande atração para os romeiros da festa da Lapa. Mas, os que ai estão tinham ido despedir os "santos doutores" por que o Bispo tinha "convidado".



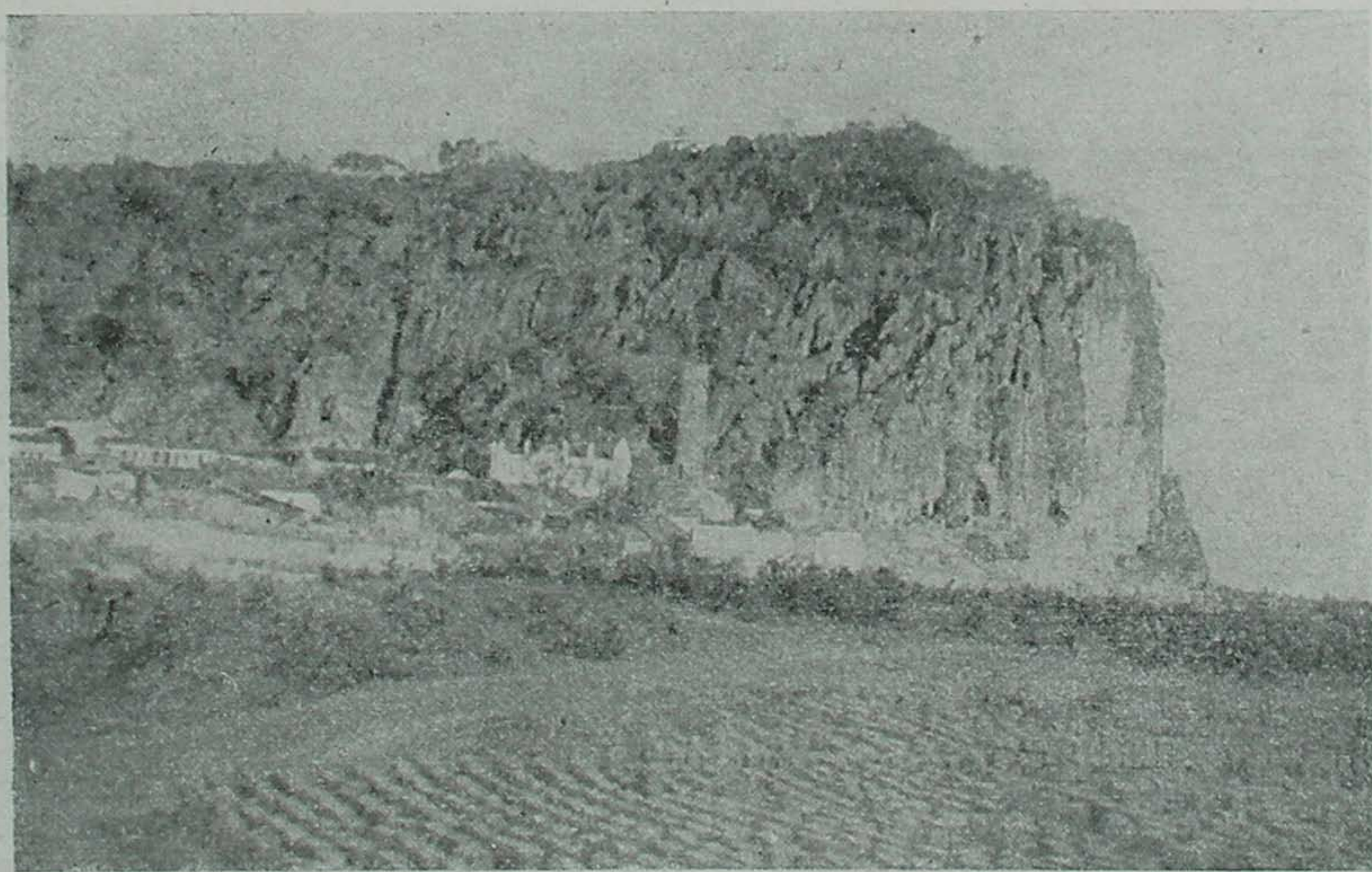
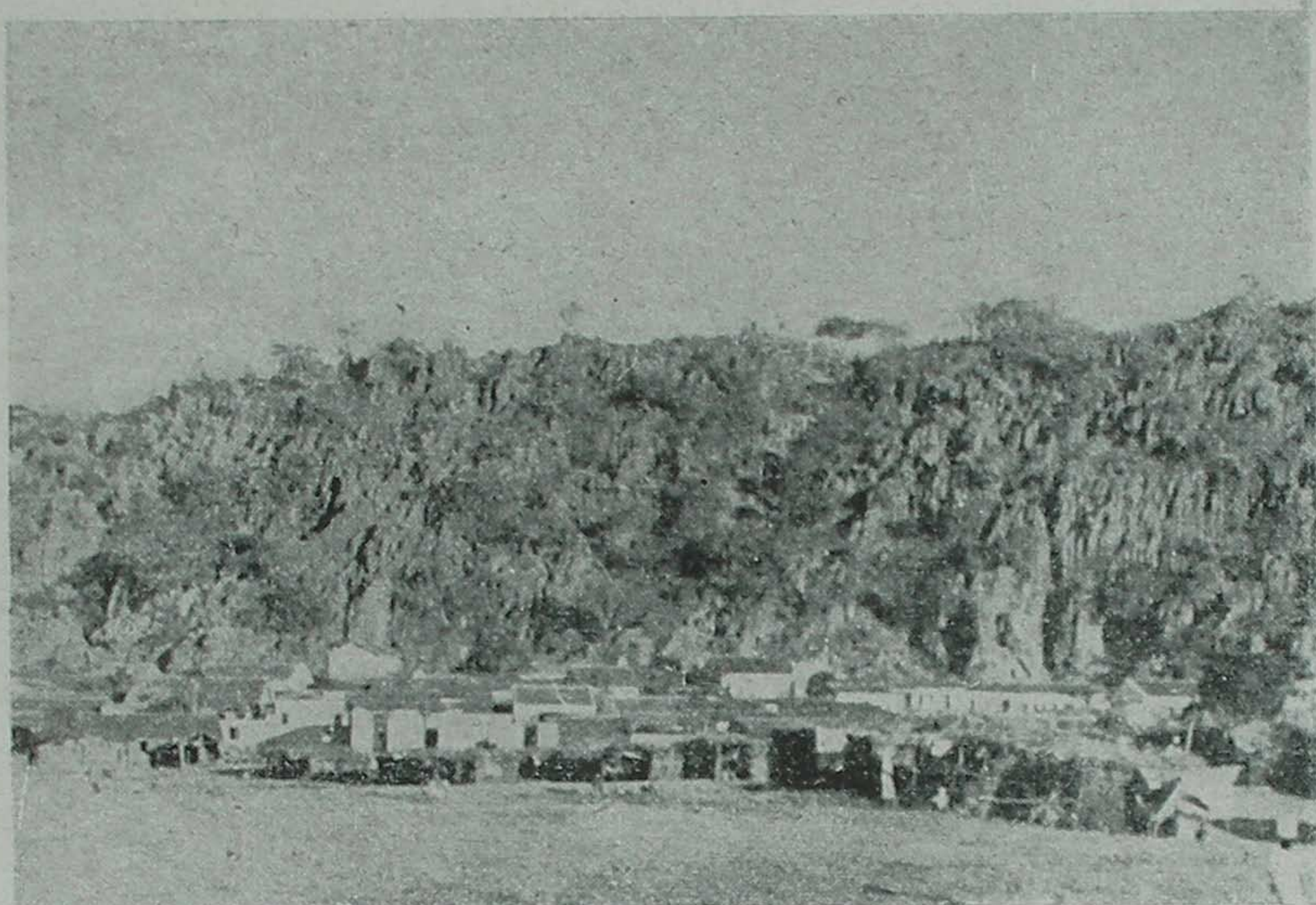
17 -- Grupo de mendigos alguns cegos e outros com malformações congénitas



18 — Ao morro, Lapa tudo deve: existência e progresso. Nêle, a erosão esculpiu bisarras esculturas.



19 — O S. Francisco visto da frente do santuário do Bom Jesus



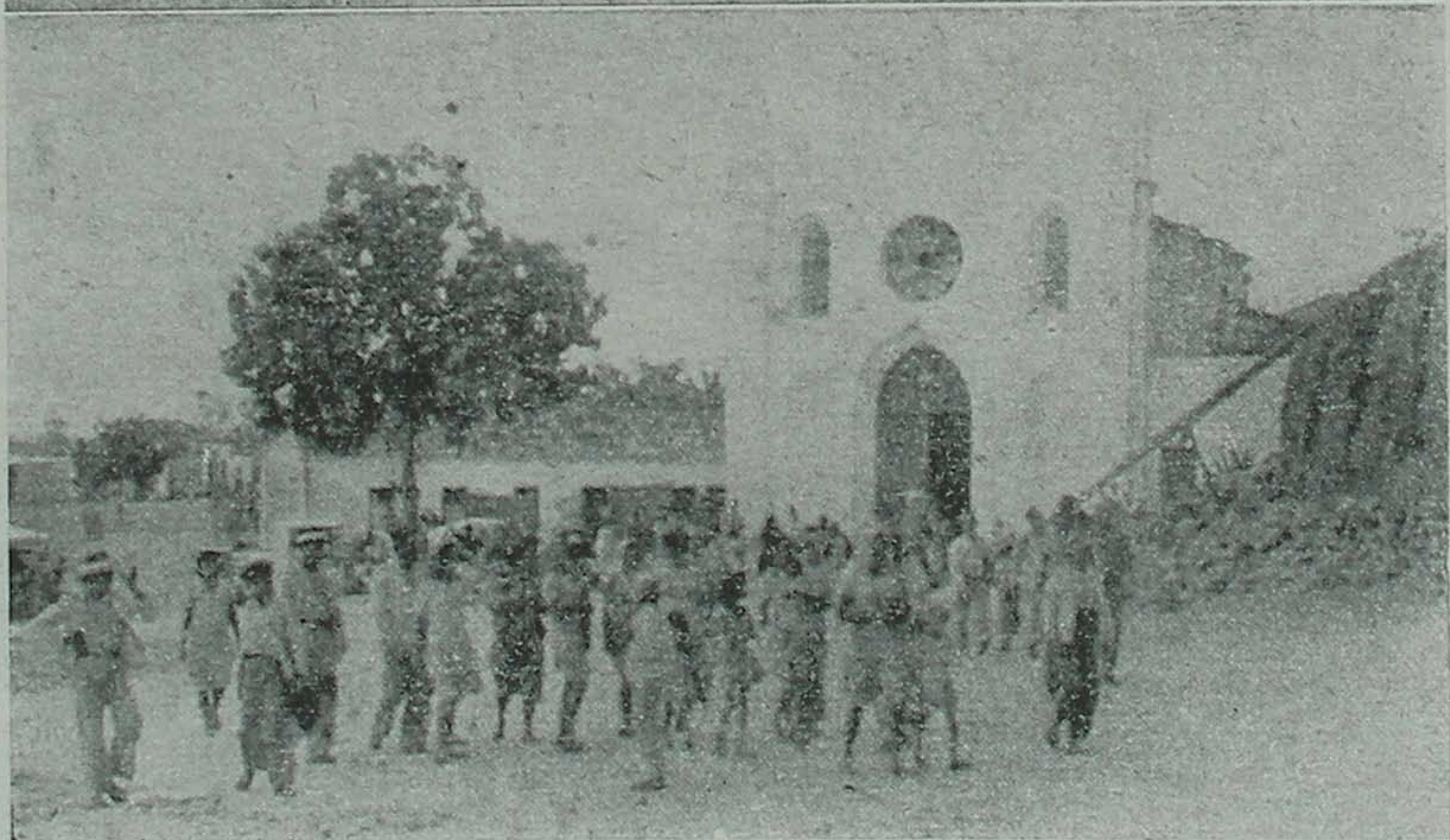
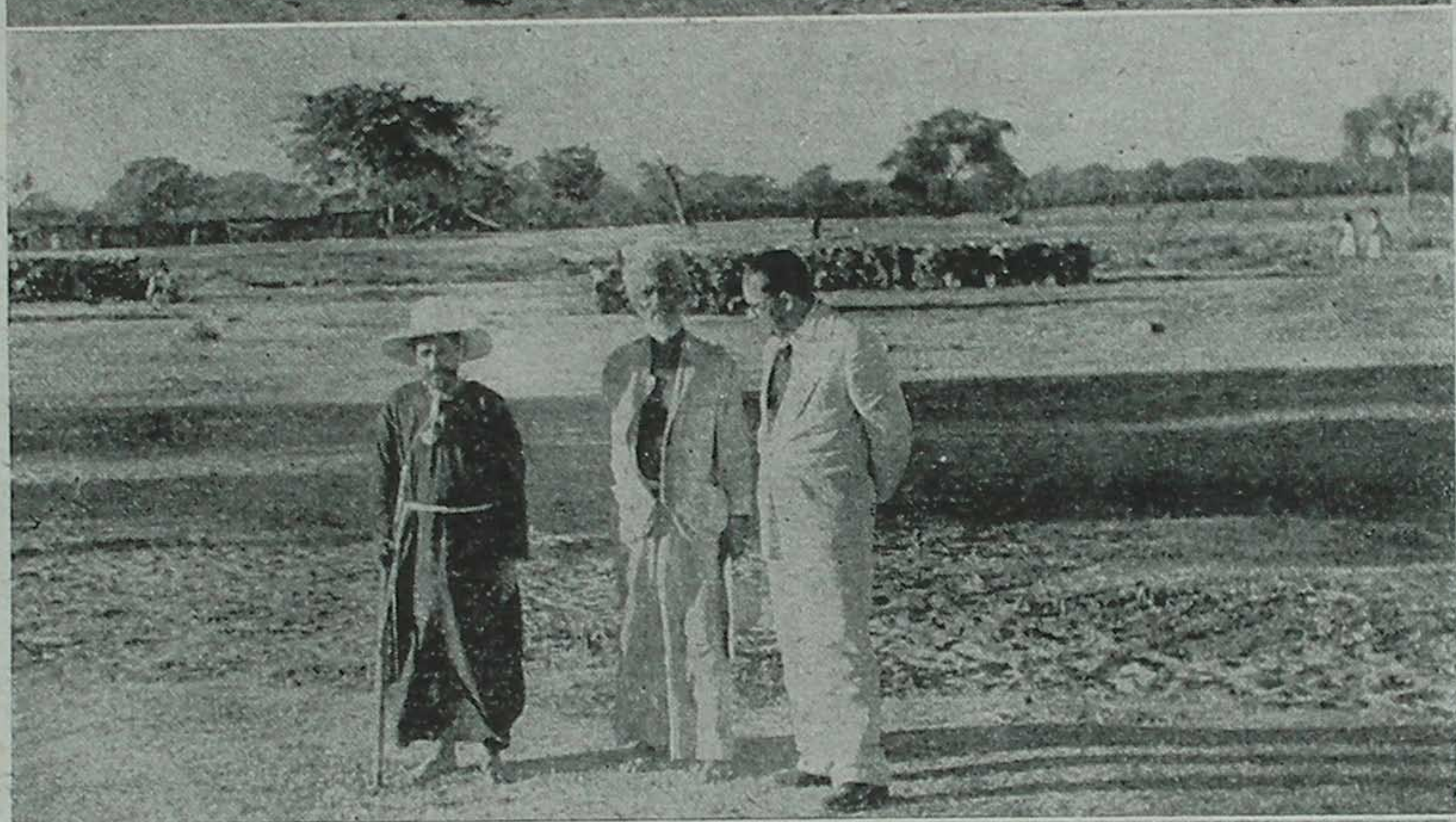
20 — A cidade fica encolhida à sombra do morro, que tudo domina



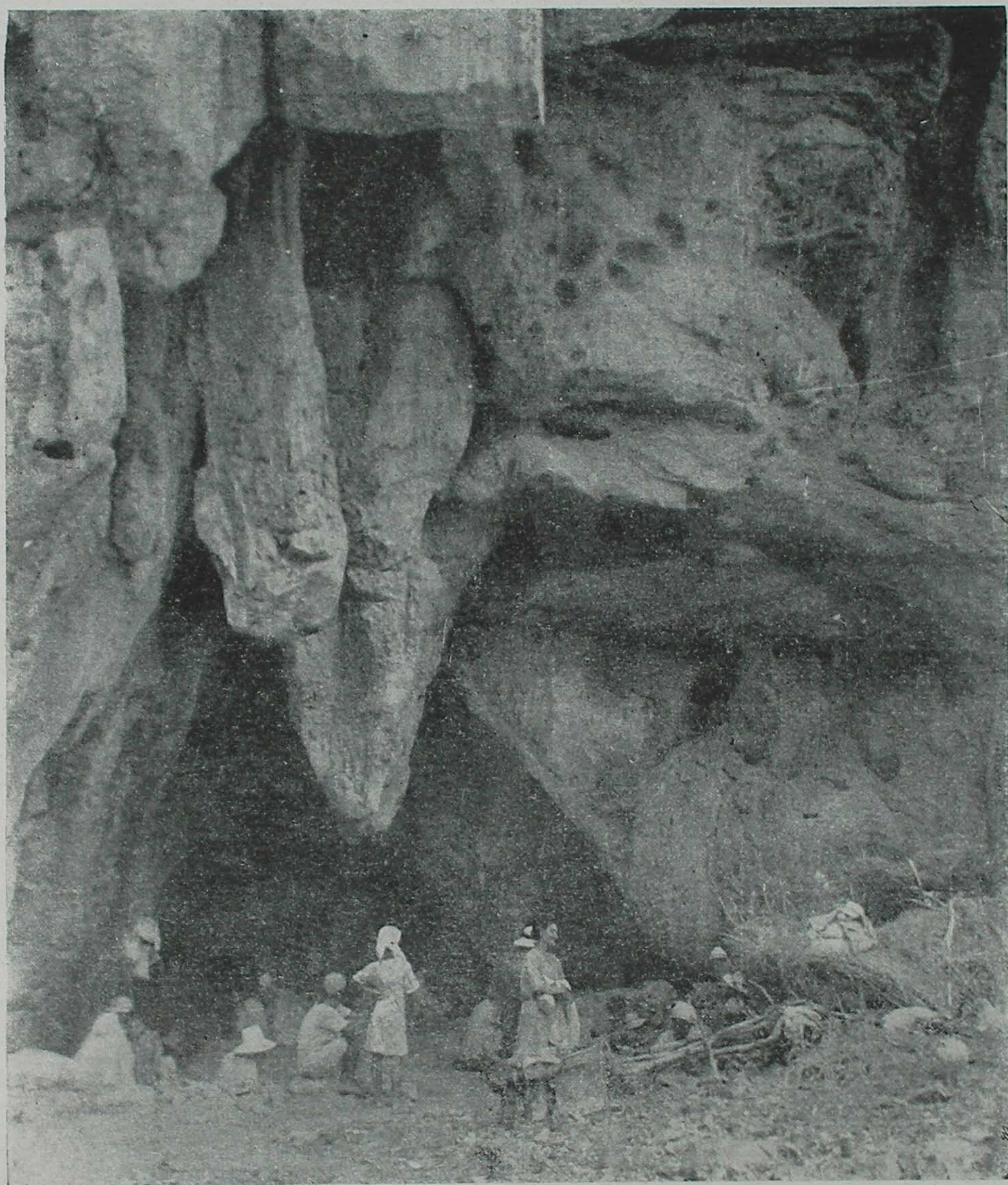
21 — Romeiros em barraca, encostada ao môrro e em pequena gruta. As pessoas de côr figuram com um coeficiente baixo entre os peregrinos.



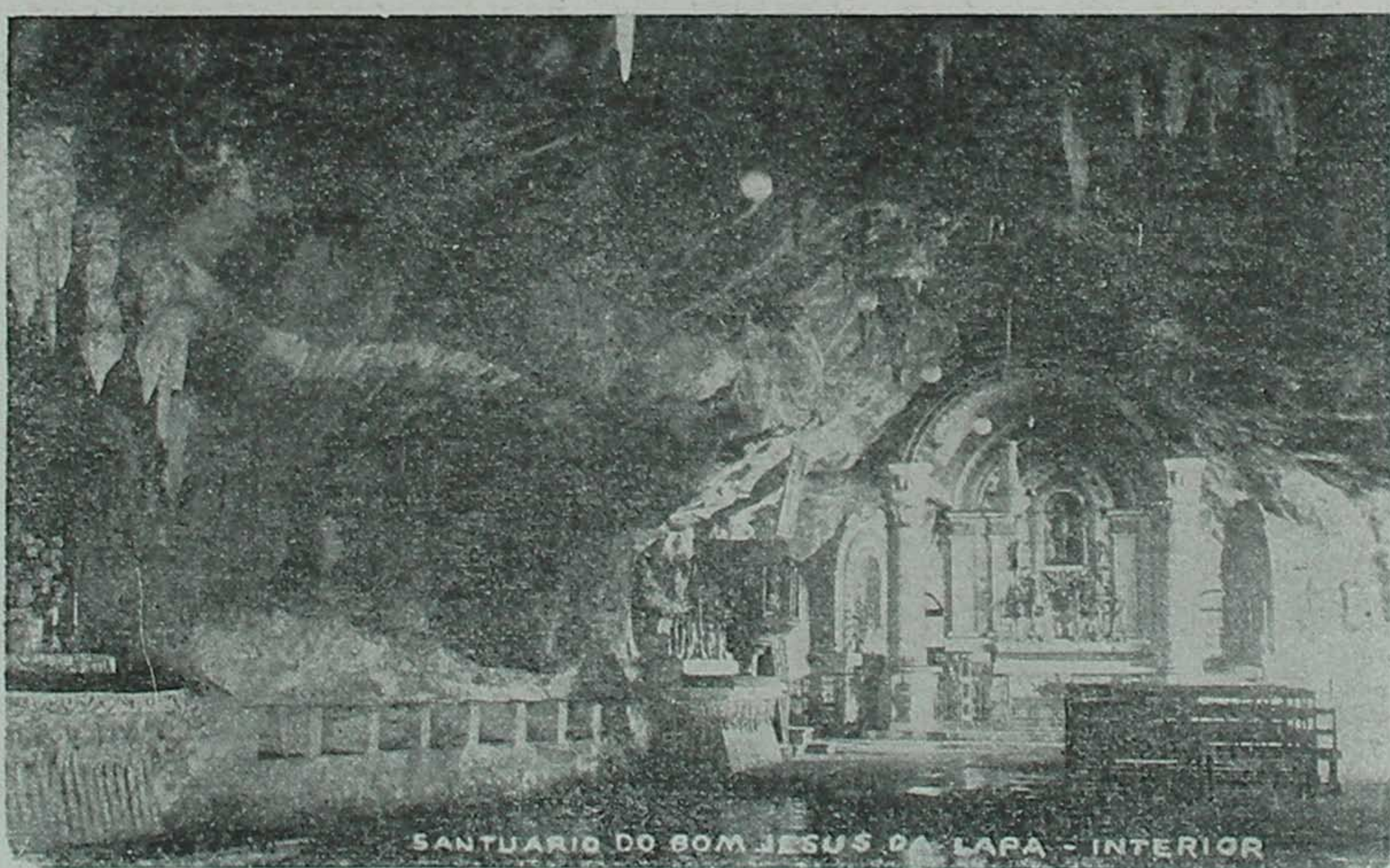
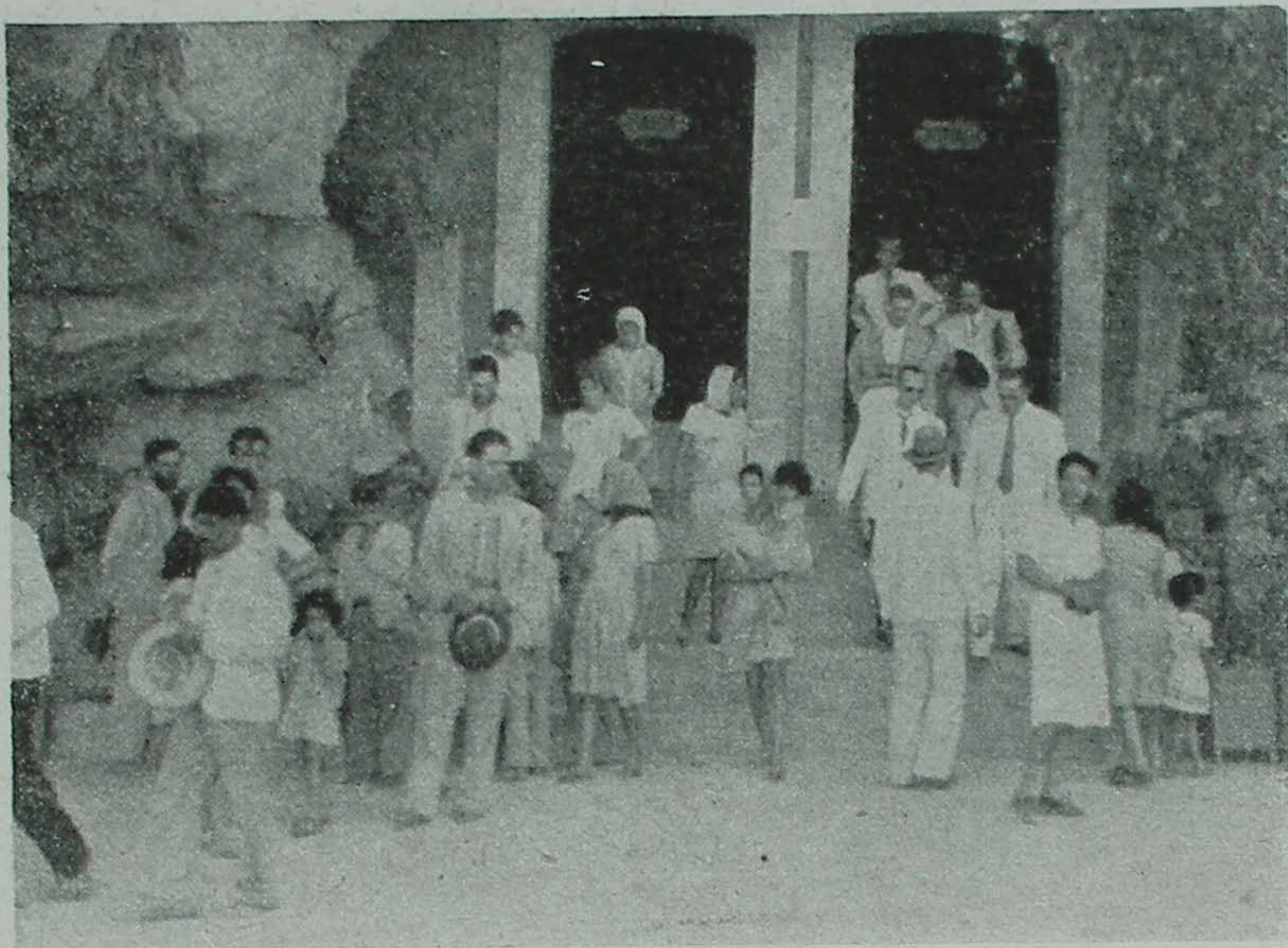
22 — Um preto velho que tinha estado na guerra do Paraguai e que "não precisava do doutô". Teria aproximadamente 90 anos e viera de longe.



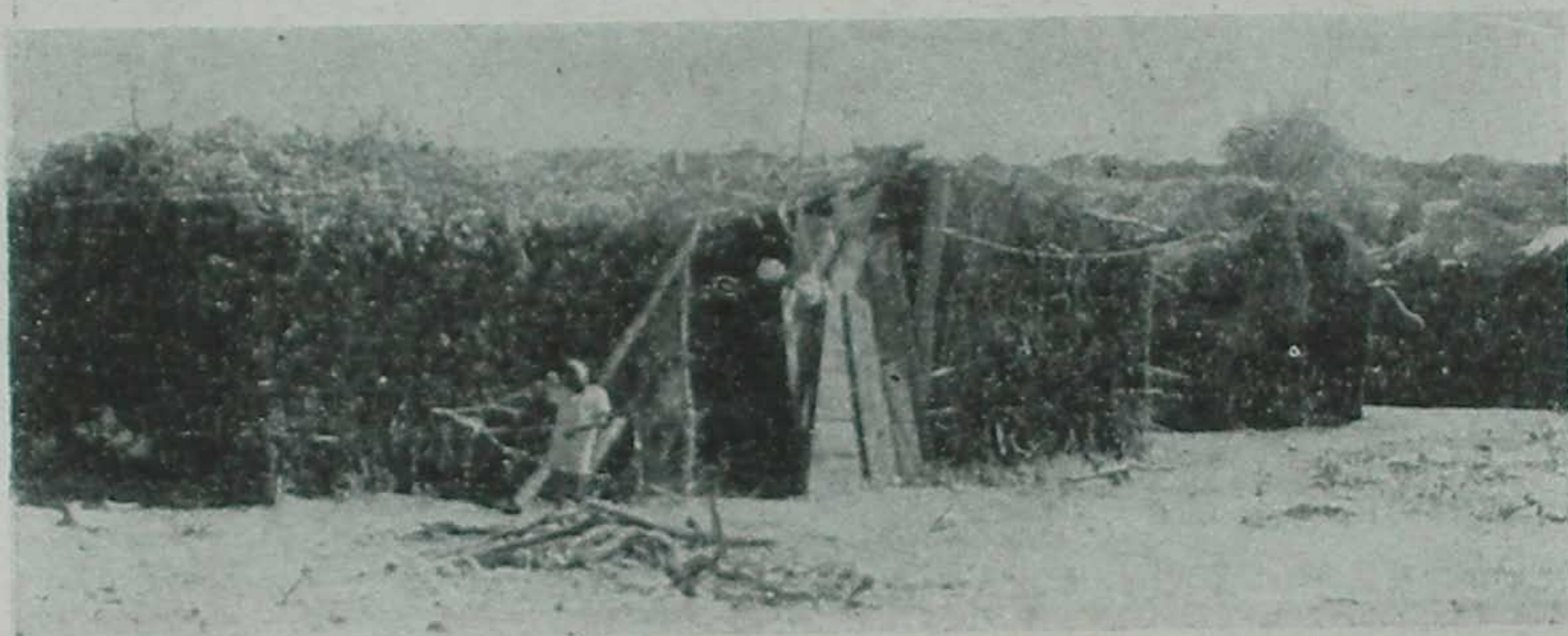
23 — Os romeiros chegam em grupos, geralmente tendo feito à pé longas jornadas São pessoas de todas as idades. No foto do centro aparece um «bentinho» (O peregrino que, por promessa, vem de mortalha) e também um negro velho de mais de 70 anos que tinha vindo de Guaranhuns, em Pernambuco (Mais de mil Klmts. em linha reta) Descreveu detalhadamente o itinerário que fisera ao dr. Romanguera, nascido nesse município, e que aparece ao seu lado.



24 — Outros romeiros vão morar nas grutas do morro. Na parte terminal da que aparece no foto, existe uma grande cratera.



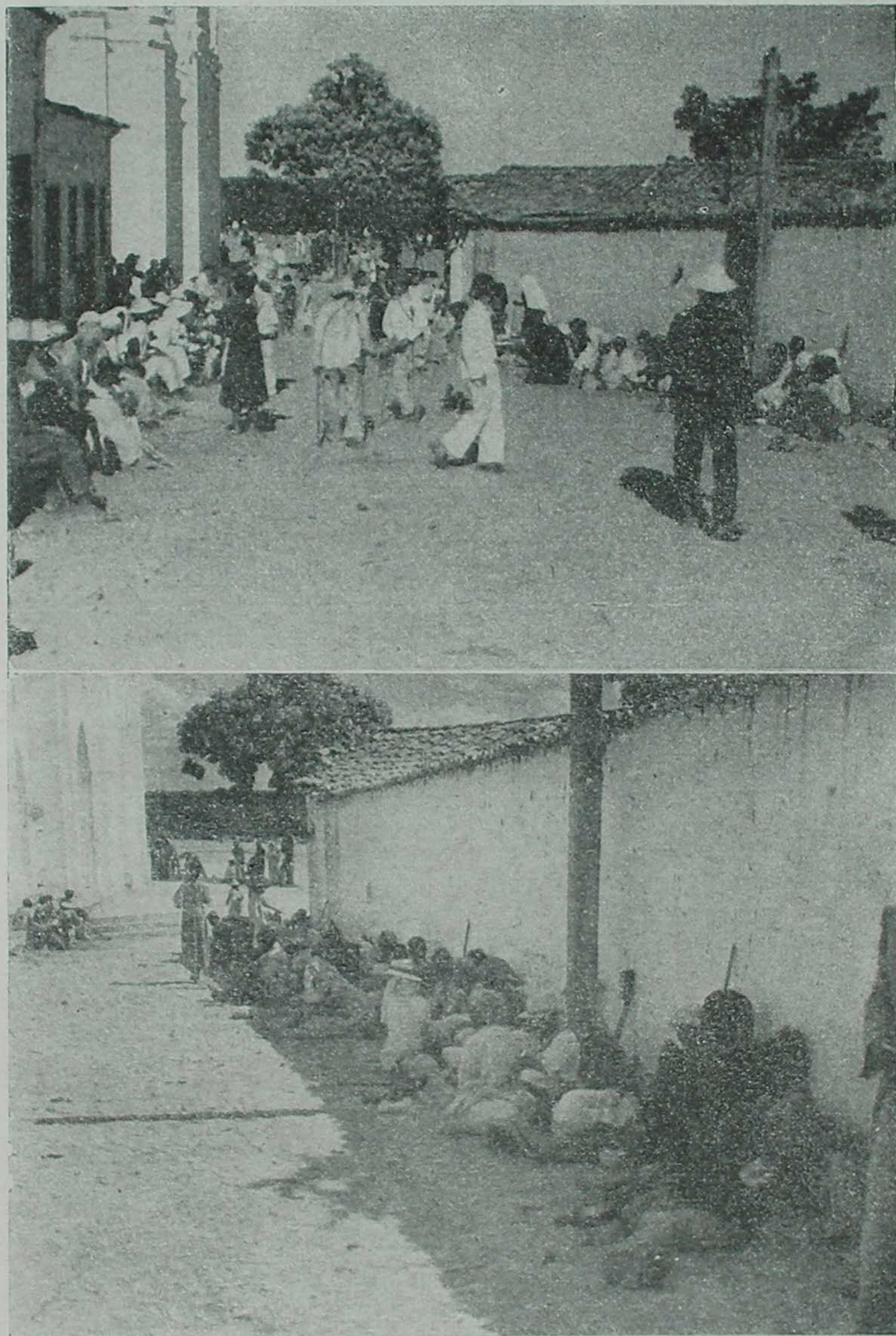
25 — Entrada do Santuário do Bom Jesús na gruta da Lapa e vista do interior do templo
O foto de baixo pertence a um album que nos foi oferecido pelo vigário.



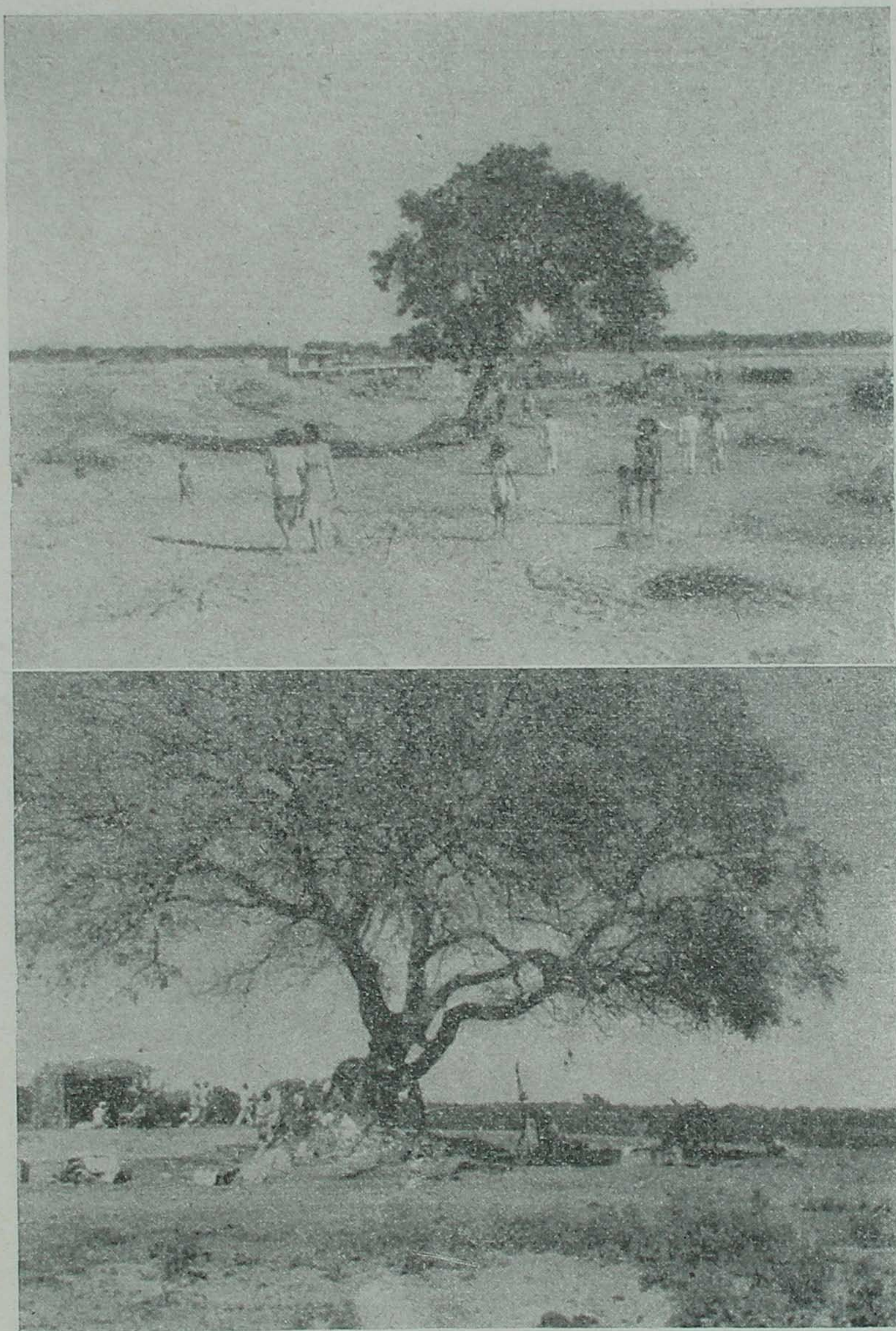
26 — Muitos romeiros vão para as barracas que todos os anos são construídas na margem de S. Francisco. São centenas delas e custam 100 cruzeiros de aluguel.



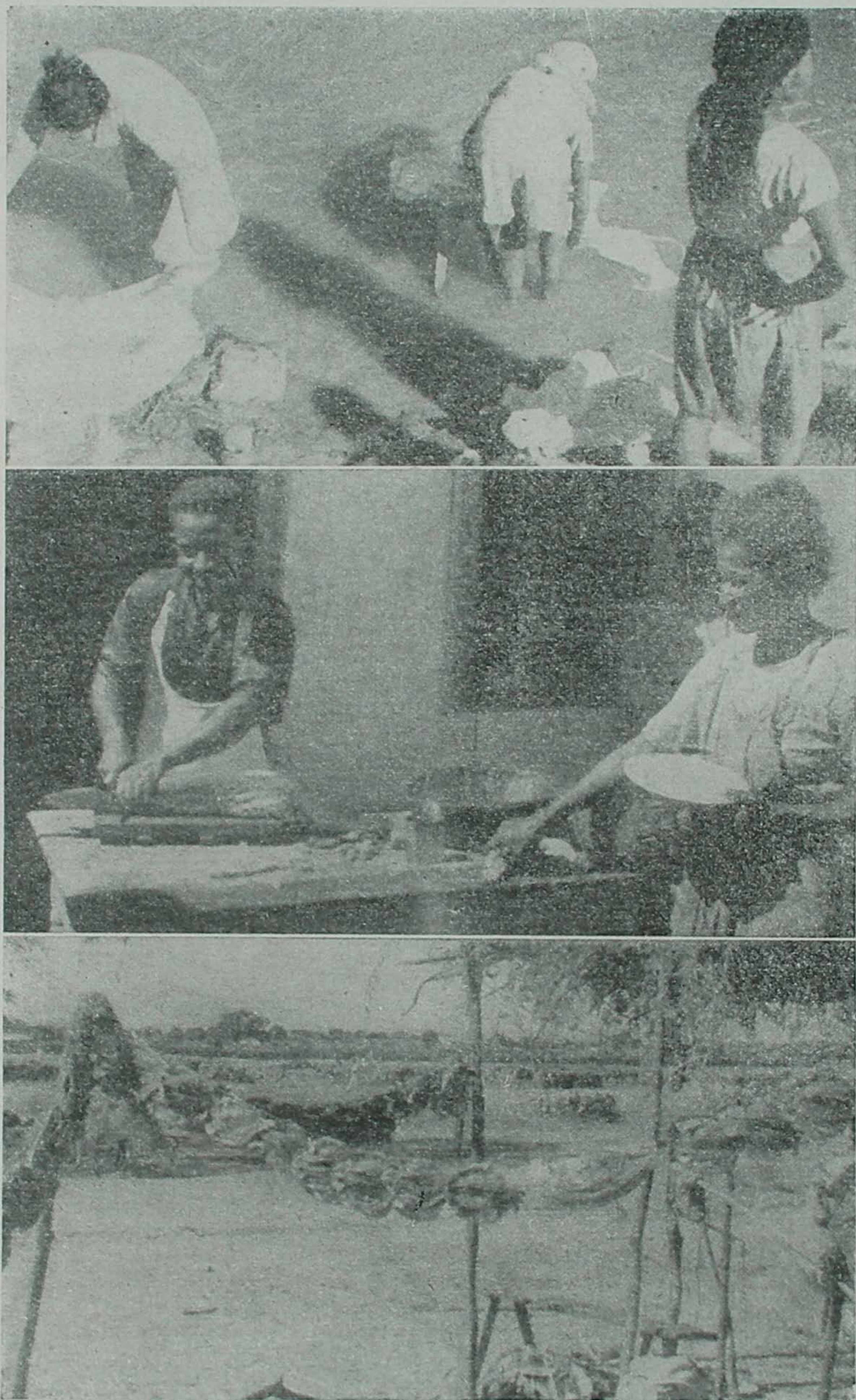
27 — Os romeiros que chegam mais tarde, ficam mesmo embaixo das árvores da beira do S. Francisco, onde exibem o ambiente doméstico das classes miseráveis das zonas rurais. No foto de baixo, está uma família: o pai cego, agarra o filho com verminose e conjuntivite e a filha mais velha socorre a mãe, sob o lençol, com acesso malarico.



28 — Aspectos tomados na “rua dos mendigos” de Lapa em momento de calma.



29 — Aí aparece o leito de emergência do S. Francisco, que nesta época é estreito e corre em seu, leito normal. Nas cheias, as águas do rio molham muitas casas de Lapa.



30 — O S. Francisco regula a vida de Lapa, assim como de todo o nordeste, ao longo de seu curso. Aí estão mulheres lavando roupa com suas águas. A, pesca é abundante: no centro um cozinheiro prepara uma "surubim", e em baixo, piranhas estão secando ao sol.